

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E  
CONTÁBEIS - ICEAC  
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**GABRIELA DOS PASSOS LIMA**

**DETERMINANTES DA ALOCAÇÃO DE TEMPO ENTRE TRABALHAR E  
ESTUDAR DOS JOVENS DO RIO GRANDE DO SUL EM 2015**

**Rio Grande**

**2017**

Gabriela dos Passos Lima

**DETERMINANTES DA ALOCAÇÃO DE TEMPO ENTRE TRABALHAR E  
ESTUDAR DOS JOVENS DO RIO GRANDE DO SUL EM 2015**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel pelo curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande

Orientador: Prof. Dr. Rogério Piva da Silva

Co-orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vivian dos Santos Queiroz Orellana

**Rio Grande**

**2017**

## RESUMO

O atual trabalho tem como propósito constatar os principais determinantes na escolha entre estudar e trabalhar de jovens de 15 a 29 anos, do Brasil, e, mais especificamente, do Rio Grande do Sul. E assim, ser capaz de identificar se os determinantes que definem essas escolhas, são os mesmos para ambos os territórios. Para atingir tal objetivo, o estudo está fundamentado na literatura que trata a importância do capital humano, o jovem e o mercado de trabalho, além, do auxílio da teoria econômica do trabalho. Ademais, foi aplicado o modelo econométrico *logit* multinomial com a finalidade de atingir a probabilidade de cada escolha do jovem. Sendo essas escolhas, estudar, trabalhar, desempenhar as duas atividades ou nenhuma delas. Os dados aplicados foram retirados da Pesquisa Nacional por Amostra de domicílio do ano de 2015. Entre os resultados encontrados, foi notório que não há distinções, significativas, entre os determinantes que definem as ocupações dos jovens brasileiros e do RS. Dessa forma, a decisão do jovem de apenas trabalhar está associado ao gênero masculino e ser casado. Para a escolha de somente estudar, dentre os determinantes, ser mulher, de cor branca e residir em áreas urbanas. Para a opção que concilia os estudos com o trabalho, o único determinante comum entre os territórios, foi a renda familiar *per capita*. E por fim, não estudar e não trabalhar está relacionado ao gênero feminino e aos jovens que tem filhos.

**Palavras – chave:** Jovens, Brasil, Rio Grande do Sul, Estudar, Trabalhar, *Logit* Multinomial



## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Descrição das variáveis .....	29
<b>Tabela 2:</b> Caracterização da amostra jovens do Brasil.....	30
<b>Tabela 3:</b> Caracterização da amostra dos jovens do RS .....	33
<b>Tabela 4:</b> Razões de chances do modelo <i>Logit</i> Multinomial para jovens do Brasil - 2015 .....	37
<b>Tabela 5:</b> Razões de chances do modelo <i>Logit</i> Multinomial para jovens do Rio Grande do Sul - 2015 .....	40

## LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

<b>Figura 1:</b> Preferências entre lazer e consumo .....	13
<b>Figura 2:</b> Restrição orçamentária.....	14
<b>Figura 3:</b> Produtividade do trabalho .....	17
<b>Gráfico 1:</b> Descrição estatística referente a ocupação dos jovens brasileiros .....	30
<b>Gráfico 2:</b> Descrição estatística referente a ocupação dos jovens do RS .....	33

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>9</b>
<b>2.1 Relevância do capital humano.....</b>	<b>9</b>
<b>2.2 Oferta de trabalho.....</b>	<b>11</b>
<b>2.3 Demanda por trabalho.....</b>	<b>16</b>
<b>2.4 O jovem e o mercado de trabalho.....</b>	<b>19</b>
<b>2.5 Determinantes .....</b>	<b>21</b>
<b>3 METODOLOGIA EMPÍRICA.....</b>	<b>25</b>
<b>3.1 Método.....</b>	<b>25</b>
<b>3.2 Base de dados.....</b>	<b>27</b>
<b>3.3 Descrição estatística para o Brasil.....</b>	<b>29</b>
<b>3.4 Descrição estatística para o RS.....</b>	<b>32</b>
<b>4 RESULTADOS.....</b>	<b>36</b>
<b>4.1 Estimações para o Brasil e RS.....</b>	<b>36</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como propósito apontar os determinantes mais influentes, na escolha de indivíduos, de 15 a 29 anos, entre estudar e trabalhar. A pesquisa tem como objetivo analisar jovens brasileiros, de modo geral, e gaúchos, mais especificamente, e assim comparar se os determinantes que impactam na escolha do jovem brasileiro, são os mesmo que influenciam os jovens gaúchos. E através disso, indicar possíveis formulações de políticas públicas mais satisfatórias às necessidades da juventude. Desse modo, para realizar o estudo, serão utilizados os dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio, do ano de 2015. A partir de uma amostra de jovens de 15 a 29 anos. Esses dados serão usados para as estimativas relacionados aos indivíduos do Brasil, e também do Rio Grande do Sul.

De acordo com a PNAD de 2015 e a Fundação de Economia e Estatística (FEE), o Brasil hoje, possui cerca de 48,1 milhões de jovens de 15 a 29 anos, representado por 23,6% da população total. Ao mesmo tempo em que, o Rio Grande do Sul, possui 2,6 milhões, o qual representa mais de 20% da população gaúcha. Logo promover um crescimento capaz de englobar todos esses indivíduos, proporcionando uma vida estável para todos, se torna um grande desafio.

Com isso vários estudos procuram identificar as razões que levam os jovens a alocar seu tempo entre os estudos e o trabalho, pois, essas decisões possuem consequências significativas em termos de educação, oportunidades no mercado de trabalho, e de rendimentos, tanto no presente como no futuro. No entanto, fazer essas escolhas, acaba por afetar o custo de oportunidade das famílias, principalmente para aquelas mais sensíveis a renda, dado que, à medida que o jovem vai atingindo a idade necessária para adentrar o mercado mais esses custos pesam na estrutura familiar.

Ademais, de acordo com autores como, Schultz (1961), Becker (1991), Leme e Wajnmann (2000), investir em conhecimento pode ser entendido como o resultado de um processo de decisões familiares, porém, definir essas decisões, se torna mais difícil em países como o Brasil, devido às alternativas dos jovens, entre trabalhar ou permanecer em escolas com ensinos de baixa qualidade, e assim,

majorando as perdas para essas famílias, principalmente, para aquelas que dispõem de recursos limitados. Logo, conforme estudos, essas decisões têm influência direta sobre os rendimentos familiares, tanto no curto prazo como no longo prazo. “Uma vez que, além de potenciais geradores de renda no presente, eles têm a capacidade de acumular capital humano para o futuro”. (TILMANN, 2013, p.3). Além disso, se entende que, definir essas escolhas, conforme Ferreira e Veloso (2006), acaba se tornando um ciclo vicioso, intergeracional, ou seja, a estrutura dos filhos, são montadas, a partir das escolhas dos pais.

A literatura salienta a importância do emprego de recursos, em capital humano, para os indivíduos. Dessa forma, os pesquisadores, Leme e Wajnamm (2000) revelam que, o acúmulo de conhecimento, é apontado como um dos fatores capaz de reduzir desigualdades salariais e de oportunidades. Do contrário, falta de conhecimento e de até as experiências necessárias, exigidos pelo mercado formal, derivam em oportunidades de empregos não satisfatórias e baixos salários, além de crescentes taxas de rotatividade no mercado de trabalho.

Ligado a isso, análises de Menezes-filho et al. (2015), indicam que mesmo com o mercado aquecido, de 2000 até 2012, e as taxas de desemprego decrescendo, a proporção de jovens participando do mercado de trabalho, reduziu. Mostrando que essa parcela da população pode estar sem trabalhar, devido as suas poucas ou nenhuma, experiência adquirida. Ou também pelo fato de, com o mercado favorável, o rendimento dos adultos, pais e responsáveis, tenha crescido, podendo o jovem então, optar somente pelos estudos.

Diante disso, a literatura retrata que aquele tradicional processo de transição do jovem para a vida adulta, está sofrendo mudanças. Segundo Camarano et al. (2006), essa transição é caracterizada pelas etapas de formação escolar, inserção no mercado de trabalho, sair da casa dos pais, casar e ter filhos. Porém, a juventude hoje está habituando-se a novas trajetórias, marcada pela não-linearidade, ou seja, marcada pela imprevisibilidade dessas etapas, mais especificamente, ou o jovem está entrando precocemente para o mercado de trabalho, ou tardiamente. Além daqueles, que estão optando pela inatividade.

Assim, conforme as informações extraídas da PNAD do ano de 2015, 26,5% dos jovens brasileiros apenas estudam, enquanto que 38,3% dos jovens, somente trabalham. Para aqueles que exercem as duas atividades, o percentual é de 11,4%, enquanto que os inativos representam 23,6% dessa amostra. Ao mesmo

tempo, de acordo com a descrição para os indivíduos de 15 a 29, residentes do estado do Rio Grande do Sul, se obtém que, 23,1% estuda e não trabalha, 41,9% não estuda e trabalha, 15,6%, estuda e trabalha, e por fim 19,2% dos jovens não estudam e não trabalham. Através dessas informações, se pode perceber que o percentual de jovens que estão na inatividade, é maior do que os que estão inseridos nas duas atividades. Tanto para gaúchos, como brasileiros, de forma geral. Um resultado, conforme pesquisadores, preocupante, devido à significativa parcela que essa categoria representa. Nesse caso, esta condição, segundo a literatura, está altamente ligada a dificuldades de inserção social e no mercado de trabalho. Além de, pouca escolaridade, baixa renda, chances limitadas de desenvolvimento profissional e humano, e maior propensão ao crime. Além de, ser um jovem inativo, afeta negativamente o desenvolvimento do indivíduo, e o crescimento do País. E em função disso, cada vez mais a literatura procura investigar os determinantes fundamentais na escolha, entre estudar e trabalhar, dos indivíduos.

Desta forma, o trabalho está dividido, além da introdução, em três capítulos. O capítulo dois trata do referencial teórico, relevância do capital humano, o jovem e o mercado de trabalho, além da demanda por trabalho e a descrição dos determinantes que foram utilizados na obtenção dos resultados do atual trabalho. No capítulo três, está à exposição da metodologia, base de dados, e exposição estatística das variáveis e ocupações. O capítulo quatro trata dos resultados. E por fim são apresentadas as considerações finais.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Neste capítulo será apresentado um suporte teórico necessário para o desenvolvimento do tema. Nele serão tratados temas referentes à importância do acúmulo de conhecimento, a teoria referente ao mercado de trabalho. E por fim, os determinantes que são vistos como os mais decisivos para o assunto.

### **2.1 Relevância do capital humano**

Acredita-se que o tempo é o maior aliado para um indivíduo que opta por investir em capital humano, pois essa proporcionalidade permite como afirma Tillmann (2013), que o indivíduo recupere os gastos e aprimore ainda mais o conhecimento adquirido. Por isso, o custo de fazer esses investimentos, se torna menor quando se é jovem, pela possibilidade de recuperação. Ainda, Branco (1979) complementa, que quanto mais cedo se começa a investir em educação, maior será o seu estoque de conhecimento no futuro. Além de que, os custos desse conhecimento são proporcionais à idade.

O capital humano durante anos vem sendo estudado, devido a sua importância para com uma sociedade. Na visão de um dos precursores do assunto, Becker (1964), as muitas maneiras de investir em capital humano, inclui escolaridade, formação no trabalho/treinamento, outras formas de conhecimento, e também assistência médica. Sendo a diferença entre os custos dessas aplicações, e os ganhos, está na dimensão dos retornos que se obterá com esse investimento. Ainda para o autor, acumular capital humano tem o objetivo, de aperfeiçoar a capacidade produtiva do indivíduo.

Muito se observa a relevância desse assunto para o bem-estar econômico. Tanto para um país, como para famílias, há muito tempo, conforme Becker (1991) se ligou o bem estar dos indivíduos e o crescimento de um país ao capital físico. Porém, foi se tornando cada vez mais evidente, a partir de estudos sobre crescimento de renda, que outros fatores, além dos recursos físicos também desempenham um papel relevante na satisfação dos indivíduos. Concentrando

assim, a atenção sobre os recursos intangíveis, como por exemplo, o conhecimento adquirido.

Schultz (1961) expõe que há indícios de uma possível correlação, entre o nível de escolaridade, e crescimento de rendas, tanto individuais, como nacionais. Com isso, investimentos crescentes em capital humano refletem no valor econômico do indivíduo, que acaba contribuindo para seus maiores rendimentos e uma produtividade mais eficiente, cooperando para o desempenho e dinâmica do crescimento econômico de um país. Além também de ser um importante meio, de amenizar as diferenças regionais, tornando uniforme, o crescimento e desenvolvimento, socioeconômico inter-regional (NAKABASHI e FIGUEIREDO, 2008).

De outro ponto de vista, se pode perceber que o investimento em educação, não só gera rendimentos melhores para as pessoas, como pode ser capaz de reduzir tanto a pobreza, como as desigualdades salariais entre as classes sociais. Schultz (1961), ainda completa, que o emprego de recursos em capital humano, define as futuras expectativas da humanidade, sendo que os fatores de produção decisivos para a melhoria do bem estar para pessoas pobres, são os avanços em seus conhecimentos. Além também de ser um gerador de externalidade positiva, para a coletividade, pois é capaz de promover maior consciência política, social, ou até moral nos indivíduos, propiciando uma maior satisfação para a sociedade, em geral.

Assim sendo, Schultz (1961), observa que investir em educação é fundamental para um indivíduo, e, mesmo que prováveis ganhos futuros venham do seu nível educacional, é importante destacar, o custo para adquiri-la.

Deste modo, quanto à decisão de empregar recursos em capital humano, se ressalta a importância das famílias nesse processo de escolha. Principalmente quando relacionado aos jovens. Para os autores Leme Wajnman (2000), Investir em acumulação de conhecimento, pode se compreender como um processo de decisões das famílias sobre como os jovens irão alocar o seu tempo. E, na medida em que os indivíduos vão se tornando aptos para exercer as atividades econômicas, essas escolhas se tornam mais decisivas. Principalmente, quando o ambiente familiar é mais vulnerável, economicamente. E a educação, que é um bem, gerador de custos e benefícios, afeta a renda do domicílio e níveis de consumo, tanto no

presente, como no futuro. O que acaba ocasionando em um custo de oportunidade para as famílias.

Vinculado ao capital humano está à teoria microeconômica, que conforme Becker (1991), os indivíduos são racionais, e agem de forma a maximizar seu bem estar, de acordo com suas preferências e restrições. Para Tillmann (2013), os indivíduos buscam agir da melhor maneira, procurando adiantar o produto de suas ações. No entanto, ainda para (Tillmann e Comim 2013, p. 3),

Estas ações são restritas por recursos ilimitados, como renda, tempo, memória imperfeita e capacidade de cálculo, e pelas oportunidades disponíveis na economia, que por sua vez, são amplamente determinadas pela ação privada e coletiva de outros indivíduos e organizações.

E ainda complementando, segundo os estudos de Borjas (2012), o indivíduo procura *otimizar* suas escolhas, abdicando do tempo destinado para algumas atividades em função de outras, buscando seu nível ótimo de utilidade.

## 2.2 Oferta de trabalho:

Cada indivíduo precisa tomar sua decisão entre, ofertar trabalho ou não, e o tempo que será dedicado a isso, Logo, conforme Borjas (2012), a oferta de trabalho é dada, pela soma dessas escolhas em um dado período. Com isso, primeiramente, se procura compreender como a força de trabalho é composta. Por isso, o indivíduo pode estar trabalhando, desempregado, ou simplesmente, fora da força de trabalho. Sendo ( $E$ ), a quantidade de pessoas empregadas, ( $U$ ) a quantidade de desempregados. A dimensão da força de trabalho ( $LF$ ), de acordo com Borjas (2012):

$$LF = E + U \quad (1)$$

Considera-se que, para aqueles que estão na condição, ( $E$ ) precisa estar exercendo um trabalho remunerado, ( $U$ ), precisa ser um desempregado ativo, ou seja, estar procurando emprego durante as quatro semanas anteriores daquela de referência. A partir da equação exposta acima, se pode obter, a taxa de participação

da força de trabalho, que sugere a parcela da população ( $P$ ) que participa da ( $LF$ ) força de trabalho. Logo é definida por:

$$\text{Taxa de participação na força de trabalho} = \frac{LF}{P} \quad (2)$$

Através desses instrumentos, é possível analisar a atuação do mercado de trabalho, em um determinado país ou região. Com isso, se podem investigar, quais os incentivos de um indivíduo ofertar ou não, sua mão de obra. De acordo com Borjas (2012), o indivíduo atua em busca da maximização do seu bem estar, através do consumo de bens e do lazer. Porém a decisão as ser tomada pelos indivíduos é, ou obter muitas horas de lazer e poucas horas dedicadas ao trabalho, consequentemente um salário mais baixo para consumo. Ou então, mais horas dedicada ao trabalho, maiores salários e consumo, porém, com poucas horas de lazer. Assim, “cada trabalhador individualmente terá que decidir de acordo com suas preferências pessoais, a distribuição de seu tempo entre trabalho e lazer” (Ocio, 1995, p. 13).

Por isso, conforme o estudo de Borjas (2012), a satisfação do indivíduo vem tanto do consumo de bens, como do lazer, e se resume, na função utilidade que é dada por:

$$U = f (C, L) \quad (3)$$

A função é formada pelo consumo de bens ( $C$ ), e pelo tempo destinado ao lazer ( $L$ ), com isso é transformada em um índice ( $U$ ), que mede o grau de satisfação ou felicidade da pessoa, conhecido por *utilidade*. Quanto maior o grau de felicidade, maior o índice ( $U$ ). Dessa forma, há diversas combinações entre trabalho e lazer que levam a o nível ótimo de utilidade do indivíduo.

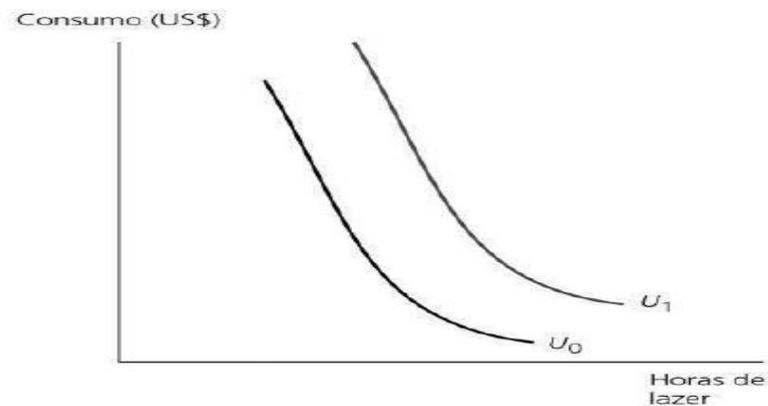
Essas combinações são expostas pelas curvas de indiferença, que revelam as preferências interpessoais, entre o consumo e o lazer. A sua inclinação, mostra o quanto abdicar, do consumo, ou horas de lazer, para gerar a satisfação ótima dos indivíduos. Podendo essas combinações, ser alterada, de modo a manter o mesmo nível de utilidade. Com isso, essas alterações podem ser medidas, De acordo com Borjas (2012), sendo que uma hora a mais será designada para o lazer,

e o consumo será constante. Essa mudança de utilidade é medida pela utilidade marginal, e considerada como  $MU_L$ , e caso contrário, um consumo maior de bens, sendo as horas de lazer constantes,  $MU_C$ . Assim, a inclinação da curva pode ser:

$$\frac{\Delta C}{\Delta L} = - \frac{MU_L}{MU_C} \quad (4)$$

Conforme o estudo de Varian (2007), a maneira como o indivíduo faz suas escolhas, mostra a informação sobre a hierarquia de suas preferências, enquanto que a utilidade marginal que, depende dessa função utilidade, pode calcular algo que de fato tenha um comportamento. Com a função utilidade, se pode medir a taxa marginal de substituição, que conforme Varian (2007) mede o valor absoluto da inclinação da curva de indiferença, e que pode ser definida como, a taxa a qual o trabalhador está propenso a privar-se, de certa quantidade de uma atividade em função da outra. Mais especificamente, no gráfico abaixo:

**Figura 1** Preferências entre lazer e consumo



Fonte: Borjas (2012)

O gráfico mostra uma curva de indiferença mais inclinada, o que indica uma alta taxa de substituição marginal, e uma preferência por lazer, isto é, o indivíduo precisa de um grande incentivo, relacionado ao consumo, para se abster de uma hora de lazer, considerando que se é dedicado pouco tempo ao trabalho. Ao contrário, se a curva fosse pouco inclinada, o resultado seria uma baixa taxa de

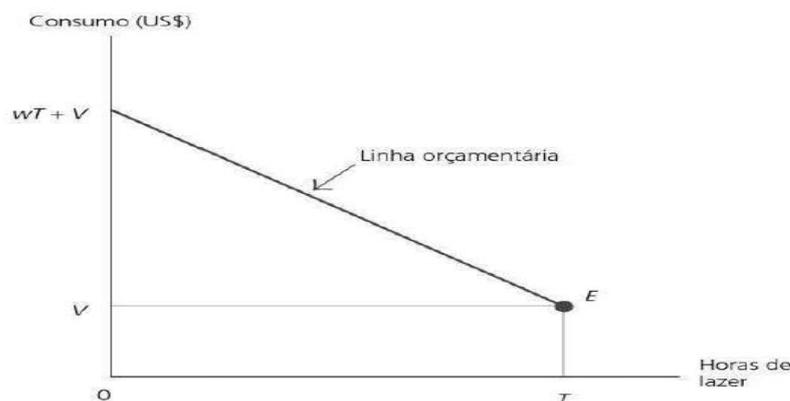
substituição, que significaria um incentivo menor, para se abrir mão de uma hora de lazer.

Deste modo, se compreende que, quanto maior o nível de consumo e lazer, maior a satisfação do indivíduo. Porém, de acordo com Borjas (2012), o nível de bens consumidos, e o lazer usufruído, está estritamente restrito à sua renda e seu tempo. Uma fração dessa renda independe de quantas horas a pessoa dedica ao trabalho, podendo ser oriunda de propriedades, dividendos, etc. Considerada como, renda não trabalho ( $V$ ). O número de horas destinado ao mercado de trabalho em um dado ponto no tempo, ( $h$ ). E a taxa salarial por hora ( $w$ ). E ( $wh$ ) representa o produto da taxa salarial e das horas de trabalho. Logo a restrição orçamentária ( $RO$ ) pode ser obtida da seguinte maneira:

$$C = wh + V \quad (5)$$

Sendo ( $C$ ), o gasto com bens, ele deve ser igual à soma dos ganhos com o trabalho, e dos ganhos com o não trabalho. A seguir o gráfico que reflete a  $RO$ .

**Figura 2:** Restrição orçamentária



Fonte: Borjas (2012)

O gráfico apresenta no ponto  $E$ , a indicação de que o indivíduo optou apenas pelo lazer, e nada para o trabalho, sendo assim, a sua única renda vem do não trabalho ( $V$ ). O ponto  $E$  é o chamado ponto de dotação. Se no caso a pessoa queira abrir mão de algumas horas de lazer, ela se desloca ao longo da linha orçamentária, para obter um consumo adicional. Ou então, se a pessoa resolve

abster-se de todas as horas de lazer, ela poderá consumir ( $w t + V$ ) de bens, no caso o trabalhador chega ao intercepto. Além também que o consumo de bens e lazer, só poderá ser feito, dentro da restrição, ou seja, o que estiver na linha ou abaixo da linha. Acima da  $RO$ , significa dizer que está fora restrição, e conseqüentemente, não poderá haver consumo.

Deste modo, segundo a suposição de Borjas (2012), a pessoa opta por combinações entre o consumo de bens e o lazer, do modo que eleve o seu nível de utilidade, ( $U$ ), de acordo com a sua restrição orçamentária. Com isso se analisa, o que acontece com as horas destinadas ao trabalho, quando a renda não trabalho  $V$ , aumenta, mantendo o salário constante. Um aumento em  $V$ , é capaz de expandir o conjunto de oportunidades do indivíduo, conjuntamente com o orçamento, com isso haverá um crescimento nos consumo de bens e lazer, e uma alta curva de indiferença. O número de horas destinado ao trabalho tende a cair, para que se possa ser consumida mais horas de lazer e gastar mais com bens de consumo. Esse efeito na mudança em  $V$ , sobre as horas de trabalho, é conhecido por efeito renda.

Enquanto isso, a influência nas horas, devido alterações nos salário  $w$ , mantendo a renda não trabalho  $V$  constante. Se considerar que com um aumento salarial expande as oportunidades dos trabalhadores. Assim, à medida que o salário aumenta, o lazer torna-se mais caro para pessoas que recebem altos salários, logo, o incentivo é que o indivíduo se mova do consumo de lazer, liberando essas horas destinadas ao mesmo, para o consumo de bens, e conseqüentemente oferte mais horas de trabalho.

Dessa maneira, se compreende que a renda é de fundamental importância, como incentivo para um indivíduo ofertar trabalho ou não. A decisão do indivíduo depende do seu salário reserva, ou seja, conforme Santos et al. (2010, p. 359), “A regra de decisão de participação no mercado será: o agente participa da força de trabalho se o salário oferecido no mercado superar seu salário reserva”. Caso o contrário ela não ofertará trabalho. Por isso o estudo de Borjas (2012), completa que a escolha pela inserção no mercado de trabalho, se baseia na comparação do salário de mercado, que aponta o quanto a empresa está disposta a pagar aos empregados por uma hora de trabalho. Enquanto que o salário reserva, aponta o quanto o trabalhador exige como forma de incentivo para motivá-lo a trabalhar a primeira hora.

Enfim, conforme Santos et al. (2010), é relevante ressaltar, que quanto mais elevado o salário oferecido no mercado, maior será o número de horas destinado ao mesmo, mesmo com a perda de lazer. Do contrário, baixos salários levarão a um menor número de horas de dedicação ao trabalho.

### 2.3 Demanda por trabalho

Sabe-se que os resultados do mercado não dependem apenas da oferta de trabalho, mas também da intenção das empresas em contratar essa mão de obra. Dessa forma Borjas (2012), explica que a empresa atua como intermediária, entre a contratação de trabalhadores, e a produção dos bens e serviços demandados pelos consumidores. Com isso o estudo sobre a demanda por trabalho se inicia pela função de produção de uma empresa.

Supondo que existam apenas dois fatores de produção, ( $K$ ) capital que inclui o estoque agregado de equipamentos, terra, e outros insumos. E o número de horas dos empregados contratados ( $E$ ). Assim para Borjas (2012), a função de produção é:

$$q = f(E, K) \quad (6)$$

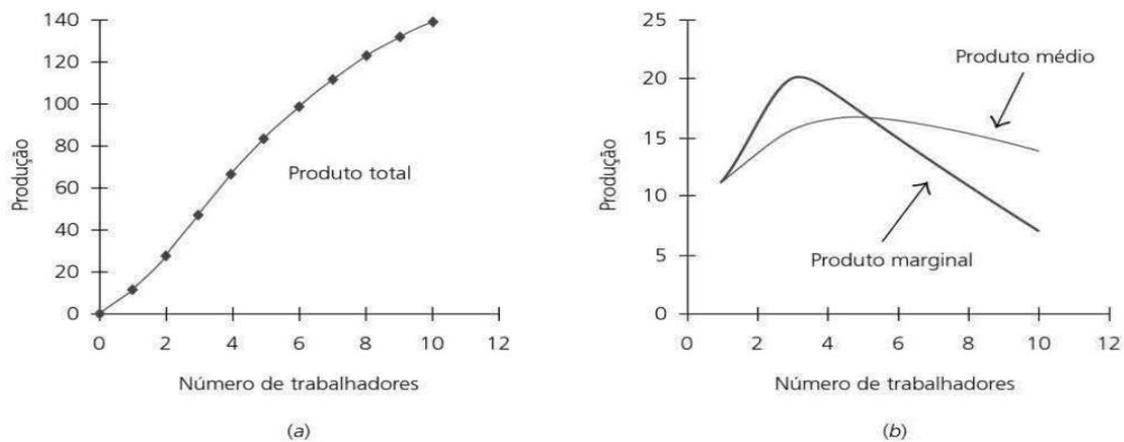
Dado isso, a variável ( $q$ ) representa a produção de uma empresa. Essa função de produção especifica que com qualquer combinação entre capital e trabalho, o quanto de produto pode ser gerado. Deste modo Borjas (2012), salienta que a interpretações dos insumos de trabalho, pode apresentar duas hipóteses, restritas. Inicialmente que o número de horas do empregado  $E$ , é dado pelo número de trabalhadores contratados multiplicado pelo número médio de horas trabalhadas. Sendo assim, se desconsidera a diferença entre o número de empregados contratados, e o número de horas que foram dedicadas ao trabalho, referindo-se apenas, ao insumo trabalho,  $E$ , como o número de trabalhadores contratados. Em segundo, a função de produção, resulta em diferentes tipos de trabalhadores, que podem em conjunto formar um único insumo. Como Borjas (2012, p. 97)

Na realidade, os trabalhadores são muito heterogêneos, pois alguns deles têm graus universitários, enquanto outros não terminaram o ensino médio; alguns têm muita experiência no mercado de trabalho, e outros são novatos.

Em resumo, alguns trabalhadores provavelmente farão uma contribuição muito maior para a produção da empresa do que outros.

Assim sendo, supõe-se que mudanças sofridas em  $(q)$ , pode ser oriunda da contratação de um trabalhador adicional, que é definido como o produto marginal do trabalho ( $MP_E$ ). Atribui-se ao  $(K)$  como constante. Para melhor compreensão, utiliza-se o gráfico a seguir para analisar a relação da produtividade marginal do trabalho com o produto:

**Figura 3: Produtividade do trabalho**



Fonte: Borjas(2012)

O primeiro gráfico, (a), expõe a correlação entre o produto e a quantidade de trabalhadores contratados. No segundo gráfico, (b), mostra a relação entre o aumento da produção conjuntamente com o aumento das contratações, que assim propõe um,  $MP_E$  crescente. A produção eventualmente aumenta à taxas decrescentes. O produto marginal do trabalho começa a decrescer, fazendo com que a próxima contratação adicione menos a produção, do que aquele trabalhador contratado anteriormente. Aquele crescimento inicial ocorreu devido a uma atribuição específica aos trabalhadores, o que começa a cair, na medida em que o número de trabalhadores aumenta. Isso é exposto na curva de produto médio, que mede a produção por trabalhador. Por isso, conforme Borja (2012), as empresas buscam formas de maximizar o seu lucro, assim, ele é obtido da seguinte forma:

$$Lucro = pq - wE - rK \quad (7)$$

O preço de venda da produção é dado por  $p$ , a taxa salarial, ou, melhor o custo para contratar trabalhadores  $w$ , e o preço do capital,  $r$ . Assim, em um mercado, quando o preço do produto ( $p$ ) não é afetado pela sua produção ou venda, quando também, o preço do trabalhador ( $w$ ) e do capital ( $r$ ), não é influenciado pela quantidade de contratação, dessa forma, com os preços constantes, não afetados, significa que é uma empresa perfeitamente competitiva, pois consegue contratar a quantidade exata de capital e trabalho.

Dessa maneira, conforme Borjas (2012), quanto à contratação de trabalhadores, uma empresa competitiva consegue empregar o quanto quiser a um ( $w$ ), constante. Assim pressupondo que uma companhia, a qual busca a maximização do seu lucro, irá empregar apenas o necessário, fazendo com que os ganhos marginais, oriundo de contratações adicionais, sejam iguais ao custo desses empregos. Desse modo:

$$VMPE = w \quad (8)$$

Sendo,  $VMPE$ , representa o valor do produto marginal do trabalho. Com isso se pode constatar que uma empresa que visa o máximo lucro expande a sua contratação, até o ponto que o produto marginal for igual ao custo desse trabalhador, caso o contrário, não vale à pena empregar mais, e obter um produto marginal menor do que o custo de empregar um trabalhador adicional, então mostra que dessa forma não é viável expandir a empresa, pois o valor de empregar mais gente está decrescendo. Além também de o produto médio deve ser maior do que o salário recebido pelos trabalhadores, pois o mesmo mede a contribuição por trabalhador para a empresa.

Além disso, segundo Borjas (2012), alterações nos salários, mudam o número de contratações. Logo, a demanda por trabalho no curto prazo, é dada pelo produto marginal obtido. Assim, à medida que o produto marginal de trabalho, e com o decréscimo do salário, cresce o número de trabalhadores contratados. Além também de uma possível relação positiva, entre o emprego, em curto prazo, e o preço do produto. Pois sendo o valor do produto marginal dado pelo preço da produção, um aumento nesses preços leva o empregador a gerar mais emprego.

## 2.4 O jovem e o mercado de trabalho

Há indícios de que, alterações causadas ao mercado de trabalho, levaram a certa adaptação do jovem ao mesmo. A literatura fala que a maior parte, da juventude atualmente vem mudando seus métodos estratégicos de inserção no mercado, para atender a essas exigências. Os jovens, segundo Camarano e Kanso (2001), estão passando mais tempo na escola, e adiando a sua inserção no trabalho. Buscando uma melhor qualificação, e melhores oportunidades com perspectiva de maiores rendimentos.

Ao longo do estudo, identificou-se o prolongamento do processo de transição dos jovens para a vida adulta. Conforme a pesquisa de Camarano e Kanso (2001), os indivíduos estão passando mais tempo residindo na casa dos seus pais, o que, representa uma provável conseqüência de não independência econômica, e de não ingresso no mercado de trabalho. Esse adiamento dos jovens pode ser, em função do maior tempo que eles estão passando na escola, pelos impedimentos encontrados para entrar no mercado de trabalho, ou também, pela certa instabilidade que o mesmo apresenta. Em vista disso, de acordo com Comin e Barbosa (2011) a junção do conhecimento e das ocupações, exige tempo, e está altamente ligada a qualidade do desenvolvimento econômico. Ademais, ofertas e demandas correntes do mercado de trabalho ecoam a atual situação do sistema produtivo, o que, por sua vez, é reflexo do emprego de recursos, já efetuados.

Para mais, segundo Daniel et al. (2014), os jovens tomam suas decisões em função do que julgar melhor pra sí. A sua escolha entre ofertar trabalho ou não, depende da sua função utilidade que representa suas preferências, entre, a inserção no trabalho, ou utilizar o seu tempo com outra atividade, como o estudo ou o lazer, por exemplo. O autor ainda expõe que a opção do jovem em ofertar sua mão de obra, é também influenciada pelas famílias e pelas próprias condições do mercado, principalmente relativas ao salário.

Conforme Carvalho (2006) a renda familiar é um fator que causa bastante efeito nas decisões do jovem em ofertar trabalho ou não, pois, ela pode ser a responsável pelo impedimento da continuação do jovem nos estudos, e de uma possível inserção precoce no trabalho, como forma de complementar os rendimentos familiares. A isso, se deve a falta de recursos disponíveis pelas famílias, conjuntamente com a baixa qualidade educacional do país. Em contrapartida,

indivíduos nos quais são oriundos de famílias mais ricas, estão mais propensos a postergar a oferta de trabalho, em busca de acumular capital humano, para no futuro, conquistar melhores oportunidades e rendimentos no mercado.

Na literatura recente, muito se é citado os jovens que optam pela inatividade. Sendo essa condição referente, não a jovens que somente estudam, mas aqueles estão sem ocupação. Pesquisadores como Tillmann (2013), relatam que o baixo nível de escolaridade, falta de recursos e a escolaridade dos pais e filhos, estão listados como alguns dos principais determinantes para um jovem não ofertar trabalho e nem estudar. Desse modo, para os indivíduos que optam pela inatividade, estes, estão mais propensos a uma vida adulta mais difícil por prováveis dificuldades de inserção no mercado trabalho, já que, não estão acumulando capital humano, nem as experiências exigidas pelo mercado. Assim estão mais propensos ao crime.

Além disso, parte do problema também está relacionada à baixa demanda por trabalho dos jovens. Sabem-se que essa falta de procura por jovens no mercado de trabalho, é considerada alguns dos principais problemas enfrentados por eles, na atualidade. Independentemente de ser ou não o primeiro emprego. Tillmann e Comim (2013), afirmam que o mercado está ficando mais seletivo, buscando pessoas mais qualificadas. Assim relaciona-se então, o desempenho da economia de um país, com o funcionamento do mercado, afirmando que quedas no seu desempenho deixam o mercado mais seletivo.

Do ponto de vista de uma empresa, de acordo com Carvalho (2006) e a escolha entre a contratação, de um jovem ou de uma pessoa mais velha, está no acúmulo de experiências profissionais, o que por sinal, é mais difícil para indivíduos mais novos, por isso, contratar um indivíduo mais jovem, se torna um risco para a companhia. Para Cunha et al. (2011) além das dúvidas referentes a qualidade da oferta de mão de obra, para o empregador, o jovem ainda não é capaz de definir bem, suas características produtivas.

A falta de capacitação é apontada como o maior impasse, para um indivíduo adentrar no mercado. Segundo Carvalho (2006), o indivíduo precisa reunir um conjunto de experiências e capital humano, o que normalmente só é possível quando, está ocupado há mais tempo no trabalho. Além disso, o nível de qualificação exigido pelo mercado está obrigando, cada vez mais, o indivíduo a passar mais tempo, acumulando conhecimento.

Conforme o estudo de Courseuil et al. (2013), afirma a demanda pela mão de obra jovem, é significativa, porém a sua rotatividade também é. O que permite ser um risco, na visão de uma empresa empregar uma pessoa que está no início de sua carreira. Barros et al. (2005), observa que a transparência é um ponto importante na relação empregador e empregado. E que informações claras e objetivas sobre o posto de trabalho oferecido ao empregado, pode ser relevantes na sua decisão. Dessa forma, o trabalhador saberá se o posto de trabalho oferecido corresponde às suas expectativas, ou não. O autor ainda completa, que a falta de transparência sobre o cargo oferecido, leva a uma frustração do empregado, contribuindo para o rotativismo no mercado de trabalho, além, de um prejuízo do acúmulo de experiência. O que se torna ainda mais agravante, quando se é jovem.

Sendo assim, Barros et al. (2005) completa que, a falta de experiências, gera uma tendência de menor produtividade. E, por outro lado, uma péssima reputação no mercado, pode elevar os custos de contratação do jovem, em particular pela expectativa de alternância de emprego. Contudo, essa possibilidade de alternância pode acabar inibindo a contratação desse grupo por parte da empresa, afetando o conhecimento adquirido e o acúmulo experiências profissional.

## **2.5 Determinantes**

As diferentes particularidades dos jovens, associados à decisão de como eles distribuem seu tempo entre o estudo e o trabalho, é de essencial relevância pela influencia que essas escolhas possuem sobre o retorno de seus rendimentos futuros, e do seu bem estar. Em vista disso, estudos como os de Camarano e Kanso (2012), Courseuil *et al.* (2001), Costa *et al.* (2013) e Leme e Wajnamm (2000), afirmam que variáveis como renda, escolaridade, dos jovens e dos pais, idade, gênero, raça, pessoa de referência, tamanho do domicílio, viver na companhia do cônjuge, renda, além das variáveis de localização, são as principais responsáveis nas decisões dos jovens.

Através da literatura, se compreende que ainda no Brasil, mesmo com uma possível redução, persistem certas diferenças em relação as variáveis sexo e raça. Desse modo, acaba surtindo efeito na escolha do indivíduo. Conforme a pesquisa de Courseuil *et al.* (2001), as mulheres, apesar de reduções nos índices, estão mais propensas a estar fora do mercado de trabalho. Para os indivíduos do

gênero masculino a tendência de trabalhar é maior, principalmente, após o matrimônio. Enquanto que para o sexo feminino, além de apresentar um forte componente de gênero, a maternidade é um fatores relevante na escolha das jovens. Além disso, de acordo com a pesquisa de Tillmann (2013), em relação ao trabalho, homens tiram mais proveito em razão à distinção biológica do sexo feminino, ou seja, aquela que leva a mulher a ter maior compromisso com a gestação e criação dos filhos. Enquanto isso, em relação a variável característica que representa a raça dos indivíduos, segundo a pesquisa de Tillmann e Comim (2013), está descrito que a chance de apenas trabalhar, e não fazer nenhuma atividade se reduz para indivíduos de raça branca, e cresce entre jovens não brancos. A probabilidade de um indivíduo branco, permanecer na escola e acumular capital humano, é maior, do que outras raças.

De acordo com a variável característica idade, os trabalhos de Leme e Wajnman (2000) e Tilmann (2013), argumentam que a possibilidade de apenas estudar vai decrescendo à medida que a idade vai aumentando, e o jovem, atingindo o tempo de exercer atividades econômicas. Enquanto que a possibilidade da categoria só trabalhar, cresce com a idade. Porém na pesquisa feita por Ferreira (2015) para jovens gaúchos, verificou-se que entre indivíduos de 15 a 19 anos do ano 2000 a 2010, aumentou a possibilidade de o indivíduo estar trabalhando, e reduziu a de o jovem se tornar inativo. Conforme o pesquisador, isso significa que o jovem gaúcho está ingressando cada vez mais cedo no mercado de trabalho.

Quanto, a pessoa de referência dentro do domicílio, conforme a literatura, ser chefe de família, eleva probabilidade de o indivíduo estar inserido no mercado de trabalho, pois, é responsável pelo maior parte dos rendimentos dentro do domicílio. Além disso, suas ações se tornam impactantes na vida dos jovens, pois, segundo Salata (2010, p.49) *“chefes de família desempregados, pobres e/ou com baixa escolaridade, desestimularia as crianças e jovens do local a investirem em estudo e trabalho”*.

Ademais, viver em companhia do cônjuge, de acordo com Camarano e Kanso (2012), é um fator que está associado ao processo de transição para a vida adulta. E assim, estar casado significa alta possibilidade de o indivíduo estar estabelecido no mercado de trabalho, para os homens, Já para mulheres, a possibilidade é maior de somente estudar, ou não estudar e nem trabalhar. Pois, entre elas, segundo Andrade (2008), mesmo a taxas decrescentes, ainda

permanece aquela tradicional divisão do trabalho, de cuidados com a casa e com a família. Ou então, em razão às dificuldades encontradas para o ingresso no mercado de trabalho, neste caso, para o autor, o gênero feminino ainda sofre discriminações. Além disso, outra característica que se pode associar a fortes particularidades do gênero são as tarefas domésticas, assim, em conformidade com a análise de Tomás (2016), o desempenho de tarefas domésticas é mais provável entre jovens do sexo feminino, logo, essa variável é considerada bastante significativa nas decisões das jovens e, ao não considerá-la, pode ser entendida como omissão de peculiaridades do gênero.

Para mais, a variável total de moradores no domicílio, foi apontada pela literatura, como uma característica da estrutura domiciliar influente na decisão do jovem. Desse modo, para Tillmann (2013) quanto maior o número de indivíduos na mesma residência menor a possibilidade do jovem apenas estudar. E maior chance de ele só trabalhar ou se tornar inativo, auxiliando nos afazeres domésticos. Porém em conformidade com a revisão bibliográfica, se no domicílio residir mais crianças, é maior a chance do jovem estar na inatividade, mas, se for habitado por adultos ou idosos a chance do jovem unicamente estudar, cresce.

Assim sendo, tem-se que diversos autores citam a escolaridade dos pais, como uma variável bastante influente. Para Courseuil *et al.* (2001), pais mais educados, tendem a tornar os filhos mais educados também, pois entendem a importância do conhecimento. Os autores ainda complementam que, se julgarmos a renda como uma consequência da educação, então, pais mais escolarizados, dispõem de maiores rendimentos, e assim mais recursos para investimento, o que contribui para a possibilidade do filho somente estudar, ou exercer as atividades de estudar e trabalhar conjuntamente. Em uma pesquisa de Menezes filho *et al.* (2002), para jovens, em 17 países da América Latina e Caribe. Ele pôde identificar, via análise econométrica, que altos níveis de escolaridade dos pais geram grandes chances do jovem apenas estudar. Estimou-se que a probabilidade do jovem estudar e não trabalhar varia cerca de 40% para aqueles cujos pais são analfabetos, e cerca de 90%, para jovens com pais graduados universitários. O mesmo vale para jovens do Rio Grande do Sul, em consoante com Ferreira (2015), níveis elevados de instrução dos chefes, afeta positivamente na chance do indivíduo gaúcho, somente estudar.

Diante disso, na visão econômica, investir em educação é uma forma de contribuir positivamente para a produtividade do indivíduo, e conseqüente para o desenvolvimento do País. Segundo Tillmann e Comim (2013), a educação é um fator importante associado à qualificação dos jovens, e através dela as chances de melhores oportunidades no mercado de trabalho se elevam, como também, de rendimentos significativos, assim, a educação se torna a melhor chance de o indivíduo reduzir as diferenças de rendas e oportunidades. Ademais, o rendimento familiar, se mostra um determinante relevante na escolha dos jovens, pois suas decisões são tomadas de acordo com a disponibilidade desses recursos. Assim, mais precisamente, relata Courseuil et al. (2001, p.5) que:

Parte-se da premissa de que a família dispõe de recursos para suas atividades de subsistência e ainda conta com um volume que seria alocado para a educação dos jovens. No entanto, nem sempre isso se verifica. É possível que as famílias não possam despendir recurso algum com educação, ou mesmo que precisem dos jovens trabalhando para complementar os recursos necessários à subsistência. Nesse caso, a alocação seria totalmente determinada pelo montante de recursos correntes disponível para a família.

Por fim as variáveis locais também são estudadas. Na pesquisa de Courseuil et al. (2001) para jovens que residem em áreas rurais, a expectativa é menor para estarem na escola, e maior, de ele estar trabalhando, ou ambas as atividades. Enquanto que nas áreas urbanas, a possibilidade de estudar é maior, junto com aqueles que optam pela inatividade

### 3 Metodologia empírica

A partir dos fatores citados na seção anterior, serão investigados quais os determinantes que influenciam um jovem gaúcho na sua escolha, entre trabalhar, estudar, exercer ambas as atividades, ou nenhuma delas, em seguida comparar, se os determinantes que condicionam o jovem brasileiro a estar em certa categoria, são as mesmas, que condicionaram os jovens gaúchos, a fazer as suas escolhas.

Utiliza-se então no estudo, o modelo *logit* multinomial, que assim como para Lima et al. (2014), esse modelo calcula a probabilidade condicional, de que o indivíduo se encontre em determinado sub-grupo, dado que ele possui determinadas características.

#### 3.1 Método

Por ser um modelo de estimação para mais de duas categorias o modelo *logit* multinomial, é utilizado para a análise em como os jovens alocam seu tempo. Conforme Greene (2003) esse modelo é de escolha não ordenada, ou seja, as escolhas são aleatórias. Assumindo que as alocações podem ser representadas por  $j$ , sendo  $j = (1)$  apenas trabalha,  $(2)$  apenas estuda,  $(3)$  trabalha e estuda,  $(4)$  não trabalha e não estuda. De modo, como Becker (1991) afirma, o indivíduo age de forma a maximizar a sua utilidade. Assim considerando que variável,  $i$ , representa os indivíduos, onde  $i = 1, 2, \dots, n$ , assim a utilidade de cada indivíduo, conforme Greene (2008),

$$U_{ij} = x'_{ij}\beta + \varepsilon_{ij} \quad (9)$$

Desse modo,  $x$  é o vetor de características dos indivíduos, idade, sexo, cor, escolaridade, etc.;  $\beta$  é o vetor de parâmetros;  $\varepsilon_{ij}$  é o termo de erro. Com isso, se o jovem decidir por certa escolha,  $j$ , conforme Greene (2008) atribui-se que  $U_{ij}$  é máxima, entre todas as alternativas, de modo que  $\Pr(U_{ij} > U_{ik})$ , para todo o  $k \neq j$ . Assim na busca de investigar, se variações nas características dos indivíduos,  $x$ ,

podem afetar a probabilidade do mesmo fazer determinada escolha, isto é  $P(Y_i = j | x_i)$ , logo essa probabilidade de acordo com Greene (2008), pode ser expresso da seguinte maneira:

$$P(y_i = j | x_i) = \frac{e^{\beta_j x_i}}{\sum_{k=0}^j e^{\beta_k x_i}} \quad j = 1, 2, \dots, j \quad (10)$$

Assim,  $Y_i$  é a variável dependente, que indica a escolha,  $j$ , do indivíduo, e,  $x_i$  representa a característica de cada um. De acordo com Greene (2003), as equações que são estimadas, fornecem um conjunto de probabilidades para as,  $j + 1$ , opções para um indivíduo com  $x_i$ , características, decidir.

É importante destacar que o modelo precisa de uma normalização para uma escolha de referência. Conforme Greene (2003), seria conveniente considerar que  $\beta_0 = 0$ . Para Tillmann(2013) isso acontece se precisar fornecer  $j + 1$ , parâmetros, com  $j$  equações. Com isso, considerando uma das categorias como 0, os coeficientes estimados serão interpretados com relação a essa categoria de referência chamada, base. Conforme Greene (2003) as probabilidades são:

$$P(y_i = j | x_i) = \frac{e^{\beta_j x_i}}{1 + \sum_{k=1}^j e^{\beta_k x_i}} \quad j = 1, 2, \dots, j \quad \beta_0 = 0 \quad (11)$$

Outra forma de análise, que conforme Neves et al. (2015), complementa a abordagem dos efeitos marginais, é conhecida como *odds-ratio*, ou razão de risco relativo (RRR). Que, por sua vez pode ser definida pela a probabilidade de certo evento ocorrer em relação a outro. Com isso, a *odds-ratio* ou razão de chance, pode se dar por:

$$RRR = \frac{\frac{Prob(Y=j | x+1)}{Prob(Y=k | x+1)}}{\frac{Prob(Y=j | x)}{Prob(Y=k | x)}} \quad (13)$$

Como forma de simplificar sua compreensão, a *odds-ratio* ou razão de chance, pode ser convertida em percentual, da seguinte forma:

$$(odds - 1) * 100 \quad (14)$$

Por fim, o resultado da razão de chance que explica a possibilidade de modificações da escolha base para a escolha em análise, como consequência das variações das características dos indivíduos. Vale ressaltar que a estimação, é conduzida por máxima verossimilhança. (TILLMANN, 2013).

### 3.2 Base de dados

A fonte de dados usada no trabalho foi a Pesquisa Nacional de amostra de domicílio (PNAD) de 2015 elaborada pelo instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE) referente ao território nacional. Os dados usados na formação do modelo têm o propósito de entender o impacto que fatores como, sexo, idade, raça, escolaridade, filhos, localização, trabalho e rendimentos, entre outros, podem afetar as escolhas dos jovens brasileiros e gaúchos.

Este trabalho define-se através de uma pesquisa qualitativa, que segundo Lima & Mioto (2007, p. 38), “implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca de soluções, atendo-se ao objetivo do estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”. Além de ser uma revisão bibliográfica, na qual é desenvolvida com base em materiais mais elaborados, como livros e artigos científicos (FONSECA, 2002).

Quanto aos seus objetivos, o estudo classifica-se como pesquisa descritiva que, segundo Koche (1997), estuda as relações entre duas ou mais variáveis de um dado fenômeno, sem manipulá-las. Também constata e avalia essas relações à medida que essas variáveis se manifestam espontaneamente em fatos, situações e nas condições que já existem. Na pesquisa descritiva não há manipulação *a priori* das variáveis, mas sim a constatação de sua manifestação *a posteriori*.

Primeiramente, foram considerados jovens aqueles indivíduos com idades de 15 a 29 anos<sup>1</sup>, na semana de referência. Na qual, foi realizada a coleta das informações, pela PNAD de 2015.

A escolha das variáveis aplicadas na análise foi feita de acordo com a literatura levantada sobre o tema. Assim sendo, as variáveis escolhidas podem ser divididas em características individuais, que corresponde à idade do indivíduo, sexo,

---

<sup>1</sup> De acordo com o Estatuto da Juventude, na Lei nº12.852, de 5 de agosto de 2013

raça, se está na condição de filho ou é a pessoa de referência, chefe de família, dentro do domicílio, se vive em companhia do cônjuge, se tem filhos, filhos com 14 anos ou menos. As características do nível de escolaridade dos jovens que são apresentados pelo número total de anos de estudo dos indivíduos, e é demonstrado na pesquisa por quatro variáveis, que indicam os intervalos dos níveis de instrução adquiridos;

Características do ambiente familiar do jovem que se referem à escolaridade dos pais, a renda familiar *per capita*, e se a mãe reside no mesmo domicílio. Quanto a características relativas ao domicílio, é analisada se o jovem ocupava-se com afazeres domésticos, e o número total de moradores. Além também das características de localização, que corresponde a residência do indivíduo, se, em área urbana, metropolitana, e no caso da estimação referente ao Brasil, em qual região do país. Lembrando que para as estimações referentes ao Rio Grande do sul, não foi necessária a variável que especifica as regiões do país.

Para realizar as estimações, antes de tudo, foi necessário o tratamento das variáveis, com o intuito de possibilitar comparações, por meio das categorias de referência. Sendo assim, a tabela abaixo descreve de forma clara o tratamento desses dados:

**Tabela 1:** Descrição das variáveis

<b>ATRIBUTOS PESSOAIS</b>	<b>DEFINIÇÃO</b>
Sexo	Variável binária: 1- masculino; 0 - feminino
Raça	Variável binária: 1- branco; 0 - não-branco
Idade	Idade em anos
Idade <sup>2</sup>	Idade ao quadrado
Chefe da família	Variável binária: 1- responsável pela família; 0 – não responsável
Vive com cônjuge	Variável binária: 1- casado; 0 – não vive com cônjuge
Filho	Variável binária: 1- condição de filho na família; 0 – não condição de filho
Nfilhos	Número de filhos
Filho de 14 anos ou menos	Variável binária: 1- possui filho de 14 anos ou menos; 0 – não possui
<b>ESCOLARIDADE</b>	
Fundamental 1	Variável binária: 1- possui de 1 a 4 anos de estudo; 0 – não possui
Fundamental 2	Variável binária: 1- possui de 5 a 8 anos de estudo; 0- não possui
Médio	Variável binária: 1- possui de 9 a 11 anos de estudo; 0- não possui
Superior	Variável binária: 1- possui 12 ou mais anos de estudo; 0- não possui

**FAMÍLIA**

Pais fundamental 1	Variável binária: 1- pais possuem de 1 a 4 anos de estudo; 0 – não possuem
Pais superior	Variável binária: 1- pais possuem 12 ou mais anos de estudo; 0 – não possuem

**DOMICÍLIO**

Afazer domésticos	Variável binária: 1- cuidava dos afazeres domésticos; 0 – não cuidava
Mãe no domicílio	Variável binária: 1 – mãe reside no domicílio; 0 – não reside
Renda domiciliar <i>per cap.</i>	Rendimento mensal domiciliar <i>per capita</i>
Total de moradores	Número de componentes na família

**RESIDÊNCIA**

Região metropolitana	Variável binária: 1- reside na região metropolitana; 0 – não reside
Zona urbana	Variável binária: 1- reside na zona urbana; 0 – não reside
Norte	Variável binária: 1- reside na região Norte; 0 – não reside
Nordeste	Variável binária: 1- reside na região Nordeste; 0 – não reside
Sudeste	Variável binária: 1- reside na região Sudeste; 0 – não reside
Sul	Variável binária: 1- reside na região Sul; 0 – não reside
Centro-oeste	Variável binária: 1- reside na região Centro-Oeste; 0 – não reside

**Fonte:** Elaboração própria a partir dos dados da PNAD de 2015

As variáveis sexo e raça foram inseridas, como uma forma de compreensão se há ocorrências de discriminações entre homens e mulheres, brancos e indivíduos de outras raças. Enquanto que as variáveis idade e escolaridade estão associadas ao impacto de escolha do indivíduo. Assim como as demais particularidades do jovem, que buscam averiguar a influencia da escolha de ocupação dentro do ambiente familiar, além de compromissos com o matrimônio e filhos.

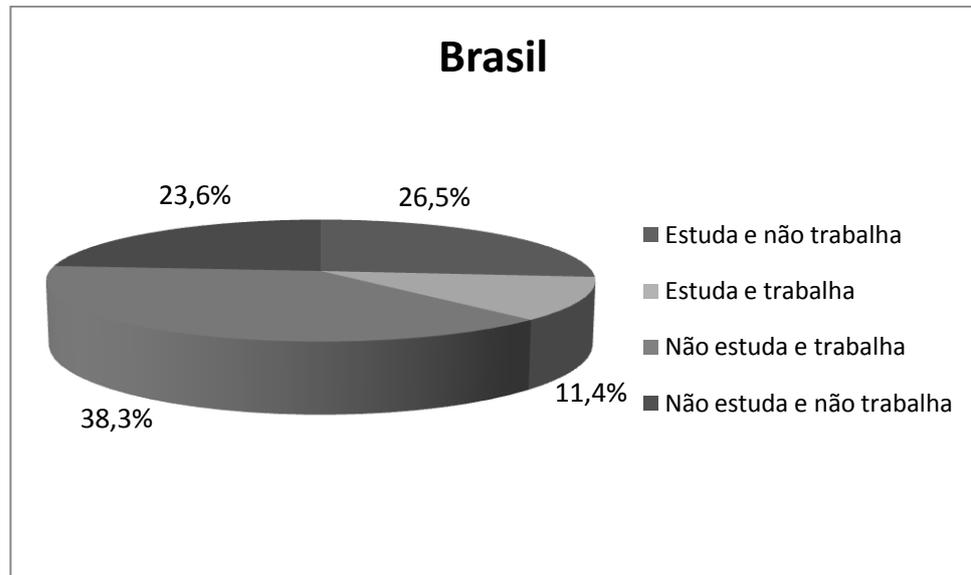
As variáveis que caracterizam as famílias e os domicílios tangem as condições que a estrutura familiar dispõe sobre a decisão de como o jovem distribui seu tempo. Assim como as características regionais, que foram usadas para o mesmo fim.

### 3.3 Descrição estatística do jovem brasileiro

Os gráficos e tabelas expostos a seguir revelam as características dos dados retirados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio de 2015. O gráfico 1 exhibe as escolhas de ocupação, entre trabalhar e estudar, para jovens de 15 a 29

anos do Brasil. Para mais, os dados foram retirados da Pesquisa Nacional por Amostra de domicílio de 2015.

**Gráfico 1:** Descrição estatística referente à ocupação dos jovens Brasileiros – 2015



**Fonte:** Elaboração própria a partir dos dados da PNAD de 2015

O gráfico 1 apresenta a descrição estatística sobre os dados da variável categórica. Conforme as informações expostas, pode se notar que mais de 38% dos jovens brasileiros, apenas trabalham, enquanto que 26,65% apenas estudam. Já para indivíduos que optam por exercer as duas atividades, corresponde apenas a 11,46%, o menor percentual entre as variáveis. Ao mesmo tempo em que seu inverso representa 23,61%, que não estão inseridos na escola e nem no mercado de trabalho.

Imediatamente a tabela 2, exhibe as características da amostra total extraída da PNAD, em que é utilizada para as estimações através do modelo *logit* multinomial, para jovens brasileiros, de 15 a 29 anos. Após a seleção das informações excluindo os dados *missing*, a amostra foi composta por 81.608 observações.

**Tabela 2:** caracterização da amostra do Brasil – 2015

Variáveis	Média	Desvio Padrão
<b>Sexo</b>		
Homem	50,47%	49,99%

Mulher	49,53%	49,99%
<b>Raça</b>		
Branco	38,84%	48,74%
Não-branco	61,16%	48,74%
<b>Idade</b>	21	435.5
<b>Chefe</b>		
Sim	17,97%	38,39%
Não	82,03%	38,39%
<b>Vive cônjuge</b>		
Sim	29,27%	45,50%
Não	70,73%	45,50%
<b>Condição de filho</b>		
Sim	56,69%	49,55%
Não	43,31%	49,55%
<b>Tem filhos</b>	23,55%	62,80%
<b>Filho de 14 anos ou</b>		
Sim	37,52%	48,41%
Não	62,48%	48,41%
<b>Escolaridade dos jovens</b>		
Fundamental 1	4,56%	20,86%
Fundamental 2	27,03%	44,41%
Médio	48,63%	49,98%
Superior	17,79%	38,25%
<b>Escolaridade dos Pais</b>		
Pais Fundamental1	53,77%	126,16%
Pais Superior	16,47%	466,38%
<b>Total de moradores</b>	3	148.17%
<b>Afazer domésticos</b>		
Sim	67,42%	46,86%
Não	32,58%	46,86%
<b>Renda familiar <i>per capita</i></b>	878,78	1256.166
<b>Região metropolitana</b>		
Sim	36,65%	48,18%
Não	63,35%	48,18%
<b>Zona urbana</b>		
Sim	85,94%	37,75%
Não	14,06%	37,75%
<b>Regiões</b>		
Norte	17,55%	37,12%
Nordeste	29,70%	45,69%
Sudeste	28,01%	44,90%
Sul	14,23%	34,93%
Centro- Oeste	10,50%	30,65%

---

**Observações**

**Fonte:** Elaboração própria a partir dos dados da PNAD de 2015

Diante da descrição da amostra na tabela 3 se pode perceber que a maior parcela estava entre os homens 50,4% do total da amostra. Referente à raça dos

indivíduos, somente 38% foram autodeclarados brancos. E, a média de idade dos jovens estava em torno de 21 anos.

Sobre as características pessoais do jovem, as informações revelam que apenas 17% dos brasileiros eram chefes do domicílio. Além disso, apenas 29% dos jovens são casados, e ainda grande parte 56% mora com os pais. A mesma amostra revela que 23% dos jovens de 15 a 29 anos já tinham filhos, e que 37% já tinham filhos de 14 anos ou menos.

Associado a escolaridade do indivíduo grande parte possuía até o ensino médio, correspondendo a 48%. Enquanto que apenas 17% tinham nível superior. Logo depois vem o ensino fundamental com 27%. E em média, os primeiros anos de estudo, apenas 4% dos jovens brasileiros dispuseram. Sobre o nível de instrução dos pais, cerca de 53% da amostra tinha os primeiros anos de estudo, de 1 a 4 anos. Enquanto que 17% dos pais tinham nível superior

Em relação ao ambiente domiciliar, as informações indicaram que o número médio de moradores eram três por domicílio. E que 62% dos jovens, de 15 a 29 anos, desempenhavam os afazeres domésticos. Entretanto, a amostra total revela que a renda familiar *per capita* média, é de R\$878,78, aproximadamente 11,5% a mais que o salário mínimo do ano de 2015 que estava em R\$788,00<sup>2</sup>.

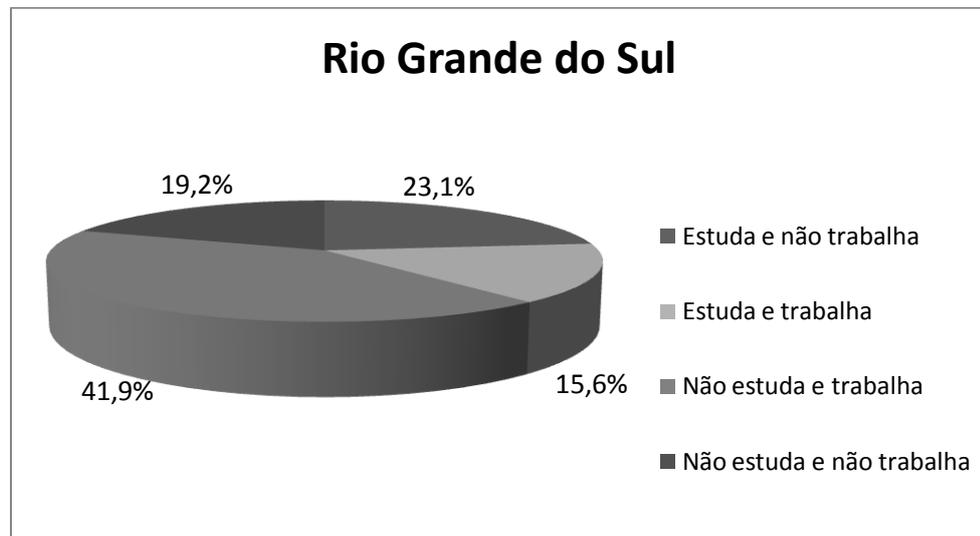
Por fim, quanto as características de localização, a amostra total expõe que 36% dos indivíduos de 15 a 29 anos, residem em regiões metropolitanas, em compensação, 85% reside em áreas urbanas. Por fim, as regiões que mais concentram indivíduos com a idade considerada na pesquisa, estão no nordeste e sudeste, respectivamente, 29% e 28%. A região sul, apresenta o segundo menor percentual, apenas 14%.

### **3.4 Descrição estatística do jovem do Rio Grande do Sul**

Os gráficos e tabelas a seguir, demonstram as informações extraídas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio do ano de 2015, referente às caracterizações da amostra e ocupações dos jovens do Rio Grande do Sul. O gráfico 2 apresenta as alocações entre trabalhar e estudar e suas combinações para indivíduos de 15 a 29 anos do Sul. Desse modo:

---

<sup>2</sup> Pelo decreto nº8381 de 1º de janeiro de 2015.

**Gráfico 2:** Descrição estatística referente à ocupação dos jovens gaúchos – 2015.

**Fonte:** elaboração própria a partir dos dados da PNAD de 2015.

O gráfico descreve os dados relacionados ao Rio Grande do Sul, e especifica o percentual de cada ocupação. Com isso, a frequência de jovens que optam por estudar e não trabalhar apresenta cerca de 20%. Enquanto que o percentual mais baixo encontrado é de 15%, que correspondem àqueles que optam por trabalhar e estudar simultaneamente, conforme a PNAD 2015. Ao mesmo tempo, o gráfico ilustra que maioria dos jovens gaúchos, decide por trabalhar unicamente, em torno de 41%. Comparando com as ocupações relacionadas ao Brasil, o RS, apresentou percentuais próximos.

A seguir a tabela 3 expõe a caracterização da amostra para jovens do Rio grande do Sul. Ela também foi retirada da PNAD do ano de 2015, e é composta por 5.385 observações.

**Tabela 3:** caracterização da amostra do RS – 2015

Variáveis	Média	Desvio Padrão
<b>Sexo</b>		
Homem	51,16%	49,91%
Mulher	48,84%	49,91%
<b>Raça</b>		
Branco	78,12%	41,34%
Não-branco	21,88%	41,34%
<b>Idade</b>	21	433.2
<b>Chefe</b>		

Sim	17,77%	38,23%
Não	82,23%	38,23%
<b>Vive cônjuge</b>		
Sim	30,19%	45,91%
Não	69,81%	45,91%
<b>Condição filho</b>		
Sim	58,57%	49,26%
Não	41,43%	49,26%
<b>Tem filhos</b>	19,48%	54,38%
<b>Filho de 14 anos ou menos</b>		
Sim	34,64%	47,58%
Não	65,36%	47,58%
<b>Escolaridade dos jovens</b>		
Fundamental 1	2,54%	15,74%
Fundamental 2	29,43%	45,57%
Médio	45,40%	49,79%
Superior	21,02%	40,74%
<b>Escolaridade dos pais</b>		
Fundamental 1	43,58%	115,40%
Superior	19,58%	497,05%
<b>Total de moradores</b>	3	131,9
<b>Afazeres domésticos</b>		
Sim	78,23%	41,26%
Não	21,77%	41,26%
<b>Renda familiar <i>per capita</i></b>	1127,77	1246,41
<b>Região Metropolitana</b>		
Sim	64,56%	47,83%
Não	35,44%	47,83%
<b>Zona Urbana</b>		
Sim	92,33%	26,61%
Não	7,67%	26,61%
<b>Observações:</b>		<b>5.385</b>

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNAD de 2015

A análise descritiva das variáveis explicativas, vista na tabela 3 para os dados do Rio Grande do sul revela que diante dessas observações para jovens de 15 a 29 anos, se pode analisar que, a maior parcela representava os homens 51%, enquanto que as mulheres representavam 48%. Conforme a tabela, 78% da amostra do RS foram autodeclarados de cor brancos. E a média de idade do jovem gaúcho é de 21 anos.

Referente a características pessoais do indivíduo do RS, de acordo com as informações, apenas 17% do jovem eram pessoas de referência no domicílio, e pouco mais de 30%, dos jovens viviam em companhia do cônjuge, ao mesmo tempo

em que 58% dos jovens gaúchos ainda estavam na condição de filhos. Da mesma forma, 19% já tinham filhos, e 34% tinham de filhos de 14 anos ou menos.

Em relação aos níveis de instrução dos jovens do RS, os dados revelaram que, assim como para os brasileiros a maioria dos indivíduos de 15 a 29 anos possuíam o ensino médio 45%. Porém, pouco menos da metade, 21% dos gaúchos foram para a faculdade. Em seguida, vem os indivíduos com ensino fundamental, com o segundo maior percentual, 29%, e aqueles com apenas os primeiros de anos de instrução, representados por 2,5%. Quanto a escolaridade dos responsáveis, 43% possuíam de 1 a 4 anos de estudo, enquanto que 19% tinham ensino superior.

Quanto aos dados pertencentes a características do ambiente domiciliar, a amostra indicou que assim como os brasileiros, mais da metade dos gaúchos se dedicava aos afazeres domésticos 78% da amostra. E que o número médio de moradores por domicílio era três. Ademais a amostra apontou que a renda familiar média dos gaúchos era de R\$ 1.127,77 aproximadamente 43% a mais que o salário mínimo vigente no ano de 2015.

No que concerne a caracterização das localizações, se pode constatar que 92% dos jovens gaúchos viviam em áreas urbanas, e apenas 7% em áreas rurais. E 62% habitavam a região metropolitana.

Diante disso, se pode notar que as amostra para brasileiros e jovens do RS não apresentam discrepância de informações entre a maioria das variáveis, os resultados das descrições estatísticas são próximos, com apenas variações referentes a raça dos indivíduos onde, enquanto os brasileiros apresentavam 38% de jovens, de 15 a 29 anos, brancos auto-declarados, o Rio grande do Sul apresentou 78%. Variações também na renda dos indivíduos gaúchos, que aponta percentuais significativamente maiores que a média dos brasileiros, comparativamente ao salário mínimo corrente no ano de 2015. Além também dos níveis de escolaridade. A amostra revelou que há menos gaúchos que possuem o ensino médio em relação aos brasileiros, em contrapartida é maior o percentual de jovens do RS que vão para a universidade 21%, em comparação com os brasileiros 17%.

## 4 RESULTADOS

Nesta seção serão apresentadas as estimações realizadas através do modelo *logit* multinomial, referentes ao Brasil e o estado do Rio Grande do Sul. Essas estimações se mostraram eficientes, para o alcance do objetivo de identificação dos fatores mais influentes nas decisões dos jovens, de 15 a 29 anos, sobre como alocam o seu tempo. Nesses resultados podemos verificar se as variáveis que influenciam os jovens Brasileiros, são as mesmas que impactam as decisões dos jovens gaúchos.

### 4.1 Estimações para o Brasil e Rio Grande do Sul

São apresentadas nas tabelas, 4 e 5, as razões de chance (odds-ratio) do *logit* multinomial para as variáveis independentes que permitem constatar o impacto dessas variáveis na probabilidade de escolha do jovem. Ademais, a compreensão e discussão dos resultados do modelo, foram todos baseados em razões de chance (odds-ratio).

Nesse modelo a variável explicada, é composta por quatro ocupações, estudar e não trabalhar (1), estudar e trabalhar (2), não estudar e trabalhar (3) e não estudar e não trabalhar (4). Dentre essas quatro categorias, de acordo com a especificação do modelo, é essencial a normalização para uma categoria base. Assim, em todas as estimações, cada categoria de ocupação analisada, será comparada com aquela usada como referência. No caso dessa pesquisa, foi escolhido como referência, a categoria (1) estudar e não trabalhar.

A tabela 4 apresenta os resultados das razões de chances para a estimação da amostra total de jovens brasileiros entre 15 e 29 anos, já a tabela 5 exhibe os resultados das razões de chances para as estimações da amostra referente aos jovens do Rio Grande do Sul

Conforme as estimações que serão apresentadas, a seguir, nas tabelas 4 e 5 as variáveis características que não apresentaram significância e compõem a tabela 4, são as variáveis condição de filho e pais com fundamental 1. Enquanto que, aquelas que constituem a tabela 5 e não apresentaram significância estatística

para nenhuma ocupação, foram as variáveis, chefe do domicílio, condição de filho, mãe no domicílio, total de moradores e região metropolitana.

Para a categoria não estuda e trabalha (NE e T) na estimação referente ao Brasil, as variáveis filhos de 14 anos ou mais, total de moradores e Centro-Oeste, não apresentaram níveis estatísticos significantes, assim como, as variáveis fundamental 1, fundamental 2 e médio referente a estimação para o Rio Grande do Sul, também não apresentaram.

Já para a categoria estuda e trabalha (E e T), as variáveis relacionadas ao jovem brasileiro, que não apresentaram significância estatística foram, fundamental 1, fundamental 2, médio e total de moradores, enquanto que para os resultados referentes aos jovens do RS, as variáveis número de filhos, filhos de 14 anos ou menos, médio e superior, também foram inferiores.

Por fim, na categoria não estuda e não trabalha (NE e NT) as variáveis que não apresentaram significância estatística referentes à estimação para o Brasil foram, raça, afazeres domésticos e regiões metropolitanas e urbanas, enquanto isso, raça, pais com ensino superior, tarefas domésticas e zonas urbanas, são variáveis referentes à estimação para o RS que também não demonstraram ser significativas estatisticamente para essa ocupação. Com isso, as tabelas abaixo apresentam os resultados das estimções para jovens de 15 a 29 anos, do Brasil e do Rio Grande do Sul:

**Tabela 4:** de razões de chance (*Odd-ratio*) Brasil – 2015

<b>Variáveis</b>	<b>NE e T x E e NT</b>	<b>E e T x E e NT</b>	<b>NE e NT x E e NT</b>
Sexo	1.9226*** (0.0547)	1.5864*** (0.0472)	0.8483*** (0.0247)
Raça	0.9535* (0.0264)	0.9174*** (0.0275)	0.9905 (0.0280)
Idade	0.4944*** (0.0118)	0.7795*** (0.0195)	0.5418*** (0.0130)
Idade^2	0.9502*** (0.0009)	0.9822*** (0.0009)	0.9589*** (0.0009)
Chefe	1.5387*** (0.0871)	1.5140*** (0.0977)	0.8941* (0.0519)
Vive com cônjuge	3.0622*** (0.1501)	1.8482*** (0.1047)	3.0074*** (0.1508)
Filho	0.93762 (0.0478)	1.0687 (0.0596)	0.9448 (0.0487)
Número de filhos	0.8124*** (0.0318)	0.7025*** (0.0359)	1.2377*** (0.0475)
Filho de 14 anos ou menos	1.03521 (0.0385)	1.1864*** (0.0411)	1.1865*** (0.0332)

Mãe no domicílio	0.9118** (0.0424)	0.9413 (0.0481)	1.1240** (0.0533)
Fundamental 1	0.6880*** (0.0984)	1.1096 (0.2372)	0.3145*** (0.0424)
Fundamental 2	0.3739*** (0.0484)	0.9764 (0.1950)	0.1488*** (0.0182)
Médio	0.3009*** (0.0388)	1.2321 (0.2455)	0.1000*** (0.0122)
Superior	0.0303*** (0.0040)	1.5037** (0.3038)	0.0086*** (0.0011)
Pais Fundamental 1	1.0096 (0.0117)	1.0184 (0.0130)	1.0039 (0.0115)
Pais Superior	0.9369*** (0.0029)	0.9535*** (0.0032)	0.9838*** (0.0032)
Total de moradores	0.9886 (0.0101)	1.0037 (0.0111)	0.9615*** (0.0097)
Afazeres domésticos	0.6660*** (0.0190)	0.7835*** (0.0236)	0.9843 (0.0298)
Renda familiar <i>per capita</i>	1.0001*** (0.0001)	1.0007*** (0.0001)	0.9994*** (0.0002)
Região metropolitana	0.9138*** (0.0247)	0.8870*** (0.0260)	0.9739 (0.0270)
Zona urbana	0.8199*** (0.0330)	0.7016*** (0.0302)	0.9504 (0.0378)
Norte	0.5133*** (0.0203)	0.7765*** (0.0335)	0.6306*** (0.0252)
Nordeste	0.6384*** (0.0215)	0.8142*** (0.0304)	0.7577*** (0.0259)
Sul	1.3589*** (0.0560)	1.5868*** (0.0688)	1.0926** (0.0478)
Centro-Oeste	0.9438 (0.0424)	1.1262** (0.0535)	0.8933** (0.0425)

**Observações****81.506**

Elaboração própria a partir dos dados da PNAD de 2015.

Notas: Desvio-padrão entre parênteses. \*\*\*Estatisticamente significativo à 1%; \*\*Estatisticamente significativo à 5%; \*Estatisticamente significativo à 10%.

NE. e T.: Não Estuda e Trabalha; E. e T.: Estuda e Trabalha; NE.e NT.: Não Estuda e Não Trabalha; E. e NT.: Estuda e Não Trabalha.

De acordo com os resultados referentes a variável característica, sexo. Pode se perceber que jovens homens têm maior probabilidade de trabalhar do que estudar, tanto para brasileiros como gaúchos. Assim, como aponta nas tabelas 4 e 5 o indivíduo brasileiro do sexo masculino tem 92% de chance a mais de participar do mercado de trabalho, do que jovens do sexo feminino. Ou então, 58% de chances a mais de realizar as duas atividades, do que o sexo oposto. Para o jovem do RS, os efeitos foram os mesmos, 79% de chances a mais de indivíduos do sexo masculino ingressar no mercado de trabalho, ou então 40% de chances a mais dos homens

gaúchos optarem por estudar e trabalhar, em relação às mulheres. Com resultados equivalentes, Silva e Kassouf (2002) justificam que indivíduos do gênero masculino têm menor probabilidade de estar fora do mercado de trabalho, ou na inatividade Relativamente às mulheres.

Em contrapartida, os resultados das tabelas indicaram que jovens do sexo masculino têm menor possibilidade de não estudar e não trabalhar. Conforme as estimações da amostra referente a jovens brasileiros e gaúchos, a possibilidade do sexo masculino não estudar e não trabalhar foi inferior em aproximadamente 15% para o Brasil, e 22% para o RS. Desse modo podemos compreender que jovens do gênero feminino têm mais chance de optar por essa condição. De acordo com Tillmann (2013) e Camarano e Kanso (2012) a maternidade e os cuidados com o lar, é um componente atuante na escolha das jovens.

A variável raça apresentou efeitos negativos, para os dois territórios, em todas as opções de escolha relacionadas a condição escolhida como base, isto é, jovens de raça branca possuem mais chance de apenas estudar do que jovens de outras raças. Assim jovens brancos, brasileiros, têm 5% de chance a menos de não estudar e trabalhar, e 9% a menos de estudar e trabalhar. Enquanto que os gaúchos apresentam 22% de chance a menos de não estudar e trabalhar, e 22% de chance a menos de estudar e trabalhar. Segundo Tillmann e Comin (2013), A probabilidade de um indivíduo branco, permanecer na escola e acumular capital humano, é maior, do que para outras raças.

Referente a variável idade, os resultados da estimação para a amostra pertencente aos gaúchos e brasileiros evidenciou maior probabilidade do jovem unicamente estudar. Assim sendo, a ocupação não estuda e trabalha foi a escolha que apresentou maior efeito negativo entre as demais, revelando que com o avanço da idade as chances do indivíduo optar por somente trabalhar é inferior em aproximadamente 50% para os jovens brasileiros, e cerca de 59% para o jovem gaúcho. Apesar disso, os resultados apresentaram contradições com Ferreira (2015), que argumenta em sua pesquisa que o jovem do RS está ingressando cada vez mais cedo no mercado de trabalho. Além disso, de acordo com a literatura que trata sobre a oferta de trabalho, conforme o avanço da idade, a tendência de participar do mercado de trabalho cresce. Considera-se então, dentre algumas explicações sobre o caso, a mais possível é que haja certa dificuldade de inserção no trabalho por parte desses jovens, principalmente para aqueles com pouca

experiência profissional. Ao mesmo tempo em que, as mudanças na transição do jovem para a vida adulta revelam que eles estão passando mais tempo adquirindo conhecimento, capital humano, em função de exigência do mercado.

No que diz respeito a variável chefe de família, as estimações revelaram que o jovem que ocupa essa posição no domicílio tem maior possibilidade de ingressar no mercado de trabalho. De acordo com os resultados atingidos o jovem que ocupa a posição de referência no domicílio tende a dedicar-se unicamente ao trabalho, ou ao concílio das duas atividades, em relação a apenas estudar. Desse modo, temos que o jovem brasileiro que ocupa a posição de chefe tem aproximadamente 53% de chances a mais de ingressar no mercado de trabalho somente, e 51% de chances a mais de estudar e trabalhar, do que o jovem que não ocupa essa posição dentro do domicílio. Em razão disso, o chefe está mais propenso ao trabalho, de acordo com pesquisadores pela razão de ser a principal fonte de renda dentro do domicílio, em casos de desemprego os danos causados não afetam somente o indivíduo, mas a toda a família. Essa variável não apresentou significância estatística em relação à estimação para os jovens do RS, logo não foi analisada.

Para os indivíduos que vivem na companhia do cônjuge, em todas as escolhas os efeitos foram positivos. Dentre os resultados, a chance de o indivíduo brasileiro, optar por não estudar e trabalhar é 206% maior, e não estudar e não trabalhar é de 200%. Enquanto que para o jovem gaúcho, a chance de o jovem escolher não estudar e trabalhar é 173% maior, e não estudar e não trabalhar cresce em 154%. Então podemos considerar que, quem não vive na presença do cônjuge, está mais propenso exclusivamente estudar. Assim, diante de resultados equivalentes, Tillmann (2013) argumenta que a probabilidade do indivíduo se tornar inativo é maior entre as mulheres em razão da maternidade, enquanto que o gênero masculino está mais propenso a ingressar no mercado de trabalho, devido ao matrimônio e suas responsabilidades.

**Tabela 5:** Razões de chance (*Odd-ratio*) para o Rio Grande do Sul.

Variáveis	NE e T x E e NT	E e T x E e NT	NE e NT x E e NT
Sexo	1.7941*** (0.1915)	1.4091*** (0.1492)	0.7896** (0.0924)
Raça	0.7837*	0.7825*	0.8653

	(0.0974)	(0.1020)	(0.1134)
Idade	0.4151***	0.7060***	0.4659***
	(0.0373)	(0.0636)	(0.0445)
Idade^2	0.9443***	0.9785***	0.9533***
	(0.0034)	(0.0035)	(0.0036)
Chefe	1.0133	0.9645	0.7428
	(0.2288)	(0.2367)	(0.1772)
Vive com cônjuge	2.7385***	1.8747***	2.5454***
	(0.5433)	(0.4074)	(0.5370)
Condição de filho	0.9422	1.2624	0.9561
	(0.2077)	(0.2918)	(0.2244)
Número de filhos	1.6697**	1.0613	2.5994***
	(0.3946)	(0.2887)	(0.6163)
Filho de 14 anos ou menos	1.14181	1.2057	1.3456**
	(0.1794)	(0.1633)	(0.1592)
Mãe no domicílio	0.94182	0.8617	1.0780
	(0.1817)	(0.1726)	(0.2222)
Fundamental 1	0.5926	0.1871**	0.3527**
	(0.3490)	(0.1214)	(0.1918)
Fundamental 2	0.9863	0.3394**	0.3113**
	(0.4908)	(0.1727)	(0.1444)
Médio	0.5931	0.4978	0.1421***
	(0.2931)	(0.2508)	(0.0656)
Superior	0.0695***	0.6623	0.0133***
	(0.0356)	(0.3445)	(0.0065)
Pais Fundamental 1	1.1697***	1.1193*	1.1384**
	(0.0642)	(0.0653)	(0.0648)
Pais Superior	0.9240***	0.9344***	0.9806
	(0.0120)	(0.0126)	(0.0135)
Total de moradores	1.0458	1.0240	1.0181
	(0.0491)	(0.0494)	(0.0500)
Afazeres domésticos	0.6127**	0.7273***	0.9197
	(0.0737)	(0.0879)	(0.1264)
Renda familiar <i>per capita</i>	1.0001***	1.0002***	0.9996***
	(0.0000)	(0.0000)	(0.0000)
Região metropolitana	1.1375	1.1907	1.0756
	(0.1211)	(0.1296)	(0.1243)
Zona urbana	0.6628**	0.5618***	0.8849
	(0.1351)	(0.1120)	(0.1932)
<b>Observações</b>			<b>5.385</b>

Elaboração própria a partir dos dados da PNAD de 2015.

Notas: Desvio-padrão entre parênteses. \*\*\*Estatisticamente significativo à 1%; \*\*Estatisticamente significativo à 5%; \*Estatisticamente significativo à 10%.

NE. e T.: Não Estuda e Trabalha; E. e T.: Estuda e Trabalha; NE.e NT.: Não Estuda e Não Trabalha; E. e NT.: Estuda e Não Trabalha.

Em relação ao restante das variáveis de características individuais, ou seja, as variáveis, número de filhos e filhos de 14 anos ou menos, as estimações apresentaram que para jovens que possuem filhos, um filho a mais tem 23% de chances a mais do jovem brasileiro se tornar inativo, e 159% de chances a mais do

jovem gaúcho não estudar e não trabalhar, assim como aqueles que possuem filhos de 14 anos ou menos, a chance de estar nessa condição é 18,65% maior para brasileiros, enquanto que o gaúcho apresenta 34% de chances a mais de estar na inatividade.

Entretanto, a variável característica número de filhos, apresenta efeitos contraditórios nos resultados estimados para o Brasil e o RS, em relação ao ingresso no mercado de trabalho. O número de componentes no domicílio, afeta o jovem brasileiro em 18% de chances a menos de ele apenas trabalhar, e o jovem gaúcho em 66% de chances a mais trabalhar exclusivamente, ou seja, a variável número de filhos apresenta efeitos positivos em relação ao jovem gaúcho escolher ingressar no mercado de trabalho unicamente, e efeito negativo caso o jovem brasileiro opte por essa ocupação. Diante dos resultados apresentados podem estar demonstrando possíveis mudanças entre os jovens e o mercado de trabalho gaúcho.

Além disso, a variável que representa o jovem brasileiro que tem filhos de 14 anos ou menos, aponta que a possibilidade de ingressar no trabalho demonstra efeitos positivos, isto é, 18,64% a mais de chance de o jovem estudar e trabalhar e 3% a mais do jovem exclusivamente estudar. Desse modo, como já mencionado, o efeito filhos é mais impactante nas decisões para o gênero feminino, pois em conformidade com Tillmann e Comim (2013), a possibilidade dos filhos, principalmente os menores, passarem a maior parte do tempo aos cuidados da família, e mais especificamente aos cuidados maternos, induz essas jovens a largar os estudos, não ingressar no mercado de trabalho e dedicar-se exclusivamente as ocupações do lar.

Para as variáveis que distinguem o intervalo de anos de estudo, as estimações apresentaram, de modo geral, resultados positivos em relação ao acúmulo de conhecimento. De acordo com as estimações, a probabilidade do jovem brasileiro de 15 a 29 anos de apenas trabalhar foi negativa e progressiva em conformidade com as faixas de educação. Enquanto que, os resultados da estimação para o RS referente a essa ocupação apresentou significância apenas para 12 ou mais anos de estudo, no qual, demonstrou efeito negativo. Desse modo, mais especificadamente, um jovem residente do Rio Grande do Sul que possui ensino superior, tem 94% de chances a menos de apenas trabalhar do que aquele indivíduo gaúcho que tem menos de um ano de estudo. Ao mesmo tempo em que jovens brasileiros, que possuem 12 anos ou mais de estudo tem 96% de chances a

menos de trabalhar do que aqueles que possuem quase nenhuma escolaridade. Enquanto isso, a opção não estudar e não trabalhar é a que apresenta maior efeito negativo, entre as escolhas restantes. Dessa maneira os resultados revelaram que os jovens brasileiros que possuem o ensino fundamental têm 86% de chances a menos de não estudar e não trabalhar do que aqueles jovens que não possuem um ano de estudo. Já para aquele indivíduo que tem ensino superior a possibilidade de estar na inatividade reduz em 99%. E, para um jovem gaúcho com apenas os primeiros anos de estudo tem 65% de chances a menos de não estudar e não trabalhar, enquanto que um jovem residente de RS que possui ensino superior tem 98% de chances a menos de estar na inatividade comparado a aquele que tem quase nenhuma escolaridade.

Quanto a condição estuda e trabalha demonstrou significância apenas para o intervalo de 12 anos ou mais de estudo, apresentando efeitos positivos e demonstrando que jovens brasileiros com o ensino superior tem 50% de chances a mais de estudar e trabalhar conjuntamente, do que jovens com menos de um ano de estudo. Os resultados estão de acordo com Silva e Kassouf (2002) o trabalho serve como um complemento a escolarização, e assim permite acesso em especial, ao ensino superior, uma vez que estudar necessita recursos financeiros e o trabalho viabiliza esse subsídio.

Referente a escolaridade dos pais de jovens gaúchos e brasileiros, as variáveis que compreendem os intervalos de anos de estudo dos responsáveis demonstram, mais especificamente, que indivíduos de 15 a 29 anos os quais os pais possuem 12 ou mais anos de estudo, tem maior chance de escolher unicamente estudar. Enquanto que, no Rio Grande do Sul, aqueles jovens cujos pais têm os primeiros anos de estudo, apresentam efeitos favoráveis a o trabalho, ou seja, para o jovem cujos pais tem de 1 a 4 anos de estudo, demonstram aproximadamente 16% de chances a mais de apenas trabalhar. Além disso, a variável que representa os pais que tem de 1 a 4 anos de estudo, para jovens brasileiros, não foi significativa, logo não foi analisada.

Assim sendo a escolaridade dos pais é considerado na literatura um fator atuante na decisão dos jovens. Assim, conforme a pesquisa de Courseuil et al.(2001), pais mais educados, entendem a importância da educação. Logo, é notório, conforme Ferreira e Veloso (2006) que a educação tende a uma mobilidade

intergeracional, ou seja, ela perdura entre as gerações, e assim acaba contribuindo, por exemplo, para uma permanência nos rendimentos do ambiente familiar.

Em relação a estimação para a amostra relativa aos brasileiros, a variável que corresponde ao total de moradores no domicílio revelou os efeitos positivos para a opção de somente estudar. Sendo assim, a escolha não estuda e não trabalha foi a que apresentou maior efeito negativo, enquanto que as demais não apresentaram significância estatística. Desse modo, o aumento de componentes no domicílio reduz em 4% a chance do jovem não estudar e não trabalhar, e cresce a possibilidade de ele optar apenas por estudar. Essa variável não apresentou significância estatística na amostra relativa ao Rio Grande do Sul, logo, não foi analisada. Desse modo, tais resultados de acordo com Menezes Filho *et a.* (2015) observam a presença de adultos e idosos no domicílio, cresce a possibilidade do jovem apenas estudar, enquanto que a presença de crianças, no mesmo, aumenta a possibilidade de abandono dos estudos, e cresce a participação no mercado de trabalho, ou de se tornar inativo.

A variável que representa a mãe no domicílio apresentou efeitos positivos na escolha do jovem brasileiro estar na inatividade. Desse modo, a presença da mãe no domicílio, reduz as chances em 9% de o jovem apenas estudar, enquanto que cresce em 12% a possibilidade de ele não estudar e não trabalhar. Para a estimação referente aos jovens do RS, essa variável não foi significativa, para nenhuma ocupação. Tendo em vista esses resultados, a literatura propõe controvérsias argumentando que segundo Menezes filho *et al.*(2015) tanto a presença do pai quanto da mãe apresentam efeitos negativos para a escolha do jovem se tornar inativo, demonstrando a relevância da estrutura das famílias.

No que se refere a condição do jovem realizar afazeres domésticos, as estimações demonstraram que o indivíduo de 15 a 29 anos que desempenha tarefas domésticas está mais propenso a optar por apenas estudar. Conforme a estimação, jovens brasileiros que desempenham tarefas domésticas tem 40% de chance a menos de apenas trabalhar e 22% de chances a menos de estudar e trabalhar conjuntamente. Para a ocupação não estudar e não trabalhar a variável não foi significativa para nenhuma das estimações. Já, para jovens, do Rio Grande do Sul que desempenham tarefas domésticas, apresentam 39% de chances a menos de escolher apenas trabalhar e 28% de chances a menos de optar por estudar e trabalhar.

A variável renda familiar *per capita* demonstra, tanto para o jovem gaúcho como o brasileiro, efeitos favoráveis em relação ao indivíduo apenas trabalhar ou estudar e trabalhar, e efeitos desfavoráveis em relação as escolhas do jovem de somente estudar ou não estudar e não trabalhar. Dessa forma, o resultado para essa variável não atendeu a expectativa de que quanto maior a renda, maior a probabilidade de o jovem estudar, e menor a chance de ele ingressar no mercado de trabalho. Assim, o resultado considerado demonstra que famílias que dispõem de maiores rendimentos condicionam o jovem a melhores oportunidades de qualificação, e desse modo a oportunidades mais satisfatórias no mercado de trabalho. Além disso, torna essas escolhas, como já mencionado, um complemento uma da outra, tornando-as mais pertinentes a medida que o jovem atinge um nível de instrução mais elevado, pois assim, não afeta os níveis iniciais de estudo do jovem. No entanto, como citado no capítulo anterior, a renda familiar média do brasileiro, teve um adicional de 11,5% a mais do que o salário mínimo corrente, representando um acréscimo relativamente baixo, comparado ao custo de manter um componente da família fora do mercado de trabalho. Enquanto que a renda familiar média do RS teve um adicional de 43% a mais do que o salário mínimo em 2015, representando um acréscimo relativamente alto, possivelmente capaz de cobrir os gastos de manter um integrante do domicílio fora do mercado do mercado de trabalho.

Para as variáveis que caracterizam a localização dos jovens brasileiros e gaúchos, residirem em áreas metropolitanas aumenta a possibilidade de o indivíduo brasileiro escolher estudar e não trabalhar. Isso, devido aos efeitos negativos indicados para as outras escolhas. Quanto às zonas urbanas, assim como em regiões metropolitanas, leva o jovem a estar na condição de só estudar. Desse modo, dentre as ocupações referentes a variável região metropolitana e zona urbana, a que demonstrou maior efeito negativo foi estudar e trabalhar com 12% e 30% , respectivamente, de chances a menos de residir em regiões metropolitanas e em áreas urbanas e estar nessa categoria. Para os gaúchos, a variável região metropolitana não apresentou significância estatística. Entre as ocupações referentes a zona urbana, a que demonstrou maior efeito negativo também foi estudar e trabalhar com 44% de chances a menos de residir em áreas urbanas e estar nessa categoria. Além disso, os resultados revelam que para indivíduos que residem em áreas rurais, ou seja, não urbanas, a chance de ingressar no trabalho é

maior. Pois, em conformidade com Tillmann e Comim (2013), o difícil acesso nas áreas rurais e a baixa qualidade da educação, levam ao decréscimo de indivíduos a optarem por investir nos estudos.

Quanto a variável referente às regiões do país, tomando como referência a região sudeste, os resultados revelaram que, as chances de ser um jovem que não estuda e não trabalha, só cresce para a região sul, cerca de 9%. Sendo a menor possibilidade para o Norte, 37%. Referente à escolha, não estudar e trabalhar são maiores para a região Sul, 35%. E menores para a região Norte, cerca de 48%. A probabilidade de escolha, de o indivíduo trabalhar e estudar cresce, para as regiões Sul, 58%, e Centro-Oeste, 12%, sendo a maior redução, na região norte do País, 23%. Pode se notar que, em todas as regiões mencionadas, com exceção da região sul, a chance do jovem brasileiro, de 15 a 29 anos, optar por somente trabalhar, é menor. E a opção, não estudar e não trabalhar, a segunda menor, dentre as demais.

Em síntese, as estimações feitas através do modelo *logit* multinomial para jovens gaúchos e brasileiros de 15 a 29, revelam que o indivíduo que escolhem alocar seu tempo unicamente com o trabalho, está mais propício a ser do sexo masculino, assumir a posição de chefe do domicílio e viver em companhia do cônjuge. Desse modo, Tillmann (2013) expõe a explícita divisão de gênero, na qual o homem tende a assumir o posto de referência dentro do domicílio, em razão do casamento, levando a uma inserção antecipada no mercado de trabalho e desistência dos estudos. Enquanto que as mulheres realizam o processo inverso.

Em contrapartida, jovens que optam por alocar seu tempo apenas com os estudos estão associados ao gênero feminino, a idade do jovem, ser de raça branca, ter de 1 a 12 anos ou mais de estudo e pais com ensino superior. Além também de desempenhar atividades domésticas, um maior número de componentes no domicílio, residir em regiões metropolitanas e zonas urbanas e habitar as regiões Norte e nordeste. De acordo com a pesquisa de Camarano *et al.* (2013) a probabilidade da mulher escolher unicamente estudar, decorre em razão da falta de demanda por mão de obra feminina. Assim, quanto maior a qualificação, maior a chance de inserção no trabalho. Além disso, habitar regiões urbanas e metropolitanas significa alta concorrência para entrar no mercado de trabalho, e então a possibilidade do indivíduo passar mais tempo adquirindo conhecimento, se eleva.

Em relação, aos jovens do Brasil e do Rio Grande do Sul, preferir ocupar-se com as duas atividades, a probabilidade foi maior para indivíduos brasileiros com ensino superior, melhor renda familiar e habitar a região Sul. Neste caso, em equivalência ao estudo de Tillmann (2013) os resultados demonstraram que a escolaridade tem um papel fundamental na preparação do jovem para o mercado de trabalho, sendo a renda familiar um importante recurso para o alcance de níveis de instrução mais elevados, vagas melhores e salários compatíveis.

Por outro lado, jovens que optam pela condição não estudar e não trabalhar estão mais propensos a ser do sexo feminino, ter filhos, filhos menores de 14 anos, além da presença materna no domicílio. De acordo com os resultados de Tillmann (2013) e Camarano *et al.* (2013) tornar-se mãe, principalmente quando se é muito jovem, leva ao abandono da escola, baixo nível de instrução e possíveis dificuldades de inserção no mercado de trabalho, desse modo, as chances das jovens optarem pela inatividade, é crescente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do trabalho foi analisar os determinantes que mais impactam nas escolhas entre estudar e trabalhar de jovens brasileiros, de 15 a 29 anos, e na opção de jovens, da mesma idade, habitantes do Estado do Rio Grande do Sul. Para isso, as informações utilizadas foram extraídas da base de dados da Pesquisa Nacional por amostra de domicílios (PNAD) do ano de 2015. Os resultados obtidos foram alcançados através das estimações da amostra total, para os brasileiros, e de uma subamostra para o Estado gaúcho. Sendo essa divisão adotada, como forma de captar influência das variáveis.

O método utilizado nas regressões foi o modelo *logit* multinomial, que equivale a um modelo de respostas qualitativas. Além disso, ele é usado para determinar a probabilidade de ocorrência de determinado evento, e com isso, assume várias categorias, simultaneamente. Nesta pesquisa, ele assumiu os eventos, estudar e não trabalhar, que foi usado como base em todas as regressões, trabalhar e estudar, não estudar e trabalhar e, não estudar e não trabalhar.

As variáveis explicativas, foram escolhidas em conformidade com a literatura que trata sobre a alocação do tempo dos jovens, brasileiros, e gaúchos, e assim, através de comparações entre a categoria base, e as demais, foi possível a identificação do impacto de cada variável sobre a escolha dos jovens. Possibilitando uma comparação se as variáveis de impacto, são as mesmas para as duas áreas analisadas.

Os resultados que foram obtidos através das estimações indicaram que os determinantes que mais influenciam nas decisões dos jovens, gaúchos e brasileiros, com algumas exceções, foram praticamente às mesmas. Primeiramente, ocorreu que para amostra de jovens do Rio Grande do Sul, se obteve mais variáveis que não foram significativas, possivelmente devido ao tamanho da amostra.

Então, devido aos resultados expostos, se pode analisar que a variável mais divergente obtida através dos resultados foi a escolaridade do jovem, indicando que, com 12 anos ou mais de estudo, a possibilidade de estudar e trabalhar é maior entre indivíduos brasileiros, ao mesmo tempo em que para os gaúchos, a probabilidade é de optar por unicamente, estudar. O que possivelmente ocorre é que

lugares, supostamente, mais desenvolvidos estão mais propensos a oferecer oportunidades mais satisfatórias, gerando certa concorrência e dificultando a inserção no mercado de trabalho, desse modo, se compreende que o indivíduo gaúcho busca cada vez mais qualificações, como forma de atender as exigências do mercado.

Desta maneira foi possível identificar a influencia de algumas variáveis quanto à determinação dos jovens. Os resultados atingidos através do modelo econométrico indicaram que, indivíduos do sexo masculino têm mais chance de estar trabalhando, e as mulheres mais propensas a estarem desempregadas, ou inativas. Devido a isso, foi notória a divisão no mercado de trabalho entre homens e mulheres.

Para as jovens que não estão trabalhando, e também na condição de desocupadas, não significa estar somente dedicadas aos estudos, visto que, muitas não estavam desempenhando nenhuma dessas atividades. Sendo assim, os determinantes associados ao sexo feminino, viver em companhia do cônjuge, ter filhos e filhos menores, foram os mais influentes nas decisões dos jovens, de ficar sem estudar e fora do mercado de trabalho. Tanto para jovens gaúchos, como para jovens brasileiros, de modo geral. De acordo com os pesquisadores do assunto, essas variáveis, exercem maiores efeitos sobre indivíduos, de 15 a 29 anos, do gênero feminino, pois demonstra como o casamento, e a maternidade estão altamente ligados a opção do indivíduo, de não estudar e nem trabalhar.

Estar fora da escola, e das atividades econômicas, retrata conseqüências sérias, principalmente, para a juventude. Os perigos referentes a essa fração da população, tem relações com a gravidez na adolescência, crimes, e drogas. Ademais, não adquirir conhecimento e nem experiências, podem afetar o sistema produtivo de um país, tanto no presente como no futuro.

Contudo, esses resultados revelam às necessidades de formulações, para de políticas públicas voltadas, a melhor inserção dos jovens, tanto na escola, como no mercado de trabalho. Como forma de prepará-los mais adequadamente. São de fundamental importância que essas políticas garantam, aos jovens gaúchos e brasileiros, de forma geral, formas de acesso apropriado ao acúmulo de capital humano, pois, quanto mais conhecimento se adquire, melhores são as chances no mercado de trabalho. E assim se propõe, tanto para o Rio Grande do Sul como para o Brasil em geral, a criação e estímulos a programas que complementam os estudos

com o trabalho, desde que, haja fortes incentivos, entre os jovens, mulheres principalmente, para a sua permanência. Com isso, além do conhecimento, se adquirem também as experiências necessárias, exigidas no mercado de trabalho, contribuindo para a produtividade, de modo geral.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carla Coelho de. Juventude e trabalho: alguns aspectos do cenário brasileiro contemporâneo. 2008.

BARROS, Ricardo Paes; CARVALHO, Mirela; TAUFNER, Paulo; FRANCO, Saumuel. Juventude no Brasil. 2005.

BECKER, Gary. **A treatise on the family**. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

BECKER, Gary. Human Capital: A Theoretical and Empirical Analysis, with Special Reference to Education, New York: Columbia University Press, 1964

BORJAS, George. **Economia do Trabalho**. Porto Alegre: AMGH, 2012.

BRANCO, Roberto C. C., Crescimento acelerado e o mercado de trabalho: a experiência brasileira. Rio de Janeiro; Fundação Getulio Vargas, 1979.

CABANAS, Pedro; KOMATSU, Bruno; MENEZES FILHO, Naercio. O Crescimento da Renda dos Adultos e as Escolhas dos Jovens entre Estudo e Trabalho. **INSPER Policy Paper**, n. 13, 2015.

CAMARANO, Ana A., KANSO, Solange. O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho? **Mercado de trabalho**. v.53, p. 37-44, 2012.

CARVALHO, Valéria Silva. Ferreira. Os jovens e o mercado de trabalho: mudanças na decisão de ingresso entre 1992 e 2004. Dissertação de Mestrado. Escola Nacional de Ciências Estatísticas/IBGE, Rio de Janeiro, Brasil, 2006.

COMIN, Alvaro A.; BARBOSA, Rogério Jerônimo. Trabalhar para estudar: sobre a pertinência da noção de transição escola-trabalho no Brasil. **Novos estudos-CEBRAP**, n. 91, p. 75-95, 2011.

CORSEUIL, Carlos Henrique; SANTOS, Daniel Domingues; FOGUEL, Miguel Nathan. A rotatividade dos jovens no mercado de trabalho formal brasileiro. 2013.

CORSEUIL, Carlos Henrique; SANTOS, Daniel Domingues; FOGUEL, Miguel Nathan. Decisões críticas em idades críticas: a escolha dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil e em outros países da América Latina. v. 797. Ipea, 2001.

COSTA, Jaqueline S.; BECKER, Kalinca L.; PAVÃO, Andressa R. Influência da renda domiciliar per capita na alocação do tempo dos jovens no Brasil. **Revista de Economia**, Curitiba, v. 39, n.1, p. 7-24, jan./abr. 2013.

DA CUNHA, Dênis Antônio; DE ARAÚJO, Aracy Alves; DE LIMA, João Eustáquio. Determinantes do desemprego e inatividade de jovens no Brasil metropolitano. **Revista de Economia e Agronegócio-REA**, v. 9, n. 3, 2011.

DANIEL, Lindomar Pegorini; SANTOS, John Leno Castro dos; LIMA, João E. A inserção dos jovens no mercado de trabalho: Uma análise para a região Centro Oeste. **Planejamento e Políticas Públicas**, n. 43, p. 127-154, 2014.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA – FEE – 2015. Centro de informações estatísticas/ núcleo de demografia e previdência. Disponível; < <http://www.fee.rs.gov.br/indicadores/populacao/estimativas-populacionais/2015>> Acesso em; 27/04/2017.

FERREIRA, Gisele da Silva. **Influências do local de moradia sobre as escolhas de estudar e trabalhar dos jovens nas aglomerações urbanas do Rio Grande do Sul, 2000 e 2010**. 134f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de pós-graduação em Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (URGS), Porto Alegre, 2015.

FERREIRA, Sérgio.; VELOSO, Fernando. Intergenerational mobility of wages in Brazil. *Brazilian Review of Econometrics*, v. 26, p. 181-211, 2006.

GREENE, Willian. H. (2003), **Econometric Analysis**,6. Ed. Londres: Prentice Hall, 2003.

GREENE, Willian. H. **Econometric Analysis**. 6 ed. New Jersey: Pearson Prentice Hall, 2008.

HANUSHEK, Eric A. The trade-off between child quantity and quality. **Journal of political economy**, p. 84-117, 1992.

KOCHE. **Fundamentos de Metodologia Científica. Teoria e prática da pesquisa**. Petrópolis: Vozes,1997.

LEME, Maria C. Simone; WAJNMAN, S. A alocação do tempo dos adolescentes brasileiros entre o trabalho e a escola. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12, 2000. Caxambu. **Anais...Caxambu**: ABEP, 2000.

LIMA, Telma; MIOTO, Regina. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico**: a pesquisa bibliográfica. Revista Katál. Florianópolis v. 10, n. esp. p. 37-45, 2007..

MENEZES-FILHO, N. A.; FERNÁNDEZ, R.; PICCHETTI, P.; BARROS, R.; CORSEUIL, C. FOGEL, M.; SANTOS, D. WAJNMAN, S.; LEME, M. C. Adolescents in Latin America and the Caribbean: Examining the time allocation decisions with cross-country micro data. **Inter-American Development Bank Research Network Working Paper n° R-470**. 2002.

NAKABASHI, Luciano; FIGUEIRÊDO, Lízia. Capital humano: uma nova proxy para incluir aspectos qualitativos. **Revista de Economia**, v. 34, n. 1, p. 7-24, 2008.

GONÇALVES, Marcos Falcão; NEVES, Mateus , C. R.; LIMA, João E.. Mundos distintos e realidades semelhantes: empregabilidade dos jovens no Nordeste e

Sudeste brasileiros. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 32, n. 2, p. 335-356, 2015.

OCIO, Domingo Zurrón. **O emprego na Teoria Econômica**. São Paulo: Núcleo de Pesquisas e Publicações EAESP – FGV, Relatório de Pesquisa nº 11, 1995.

REIS, Mauricio Cortez; RAMOS, Lauro. Escolaridade dos pais, desempenho no mercado de trabalho e desigualdade de rendimentos. **Revista Brasileira de Economia**, v. 65, n. 2, p. 177-205, 2011.

SALATA, André Ricardo. Estudar X Trabalhar: as influências do local de moradia sobre as escolhas dos jovens no município do Rio de Janeiro. **Unpublished dissertation, Federal University of Rio de Janeiro**, 2010.

SANTOS, Gilnei C.; FONTES, Rosa M. O.; BASTOS, Patrícia ; LIMA, João E. Mercado de trabalho e rendimento no meio rural brasileiro. *Economia Aplicada*, v. 14, n. 3, p. 355-379, 2010.

SCHULTZ, T., W. Investment in human capital. **American Economic Review**. v. 51, n. 1, p. 1-17, 1961.

SILVA, Carolina Mandl da. Determinantes da escolha entre estudo e trabalho no ensino médio no Brasil. 2010.

SILVA, Nancy de Deus Vieira; KASSOUF, Ana Lúcia. O trabalho e a escolaridade dos brasileiros jovens. **Anais**, p. 1-24, 2002

.

TILLMANN, Eduardo A.; COMIM, Flávio. V. Fatores da terminação do tempo entre trabalhar e estudar dos jovens no Brasil. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. 2013. 32 p.

TILLMANN, Eduardo. A. **Escolaridade, rendimentos, e desigualdade de gênero entre os jovens no Brasil**. 2013. 71f. Tese (Doutorado em Economia) – Programa

de pós-graduação em Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (URGS), Porto Alegre, 2013.

TOMÁS, Maria Carolina. Renda de não trabalho e alocação do tempo de crianças e jovens: uma análise para 2003. **Anais**, p. 1-19, 2016.

VARIAN, Hal R.; BÁSICOS, Princípios; VASCONCELLOS, Marco AS. 22-MICROECONOMIA II Ementa. **PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**, p. 25, 2007.